Curso Online de Filosofia

OLAVO DE CARVALHO

Aula 11
20 de junho de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso de Filosofia Online.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos!

O tema de hoje é o seguinte: em circunstâncias normais, numa sociedade na qual você tem idéia de como ela funciona, quais são as instituições que existem, quais são os valores e critérios, quais são os hábitos consolidados; você normalmente estuda para obter um lugar dentro de um quadro que você mais ou menos já conhece. Existindo as várias profissões intelectuais, existindo as funções públicas, profissionais ou não, associadas à vida intelectual, você quer um lugar dentro delas. Essa condição não se cumpre no Brasil de hoje. A sociedade está numa mudança tão acelerada e existe uma decomposição tão rápida dos padrões da vida intelectual que, simplesmente, não há postos a serem preenchidos.

Nós vamos ter que criar novas funções, criar novas identidades públicas, criar novos papéis dentro do cenário da vida intelectual e, de fato, nós vamos ter de criar a própria vida intelectual brasileira que não existe mais. Esta é uma situação muito peculiar que vai exigir de nós uma modalidade de ensino completamente diferente do que seria em outras circunstâncias. Por isso, tudo o que se faz aqui nos EUA, em matéria do que eles chamam *liberal education*, para a circunstância brasileira já não serve. Claro que nós vamos ter de aproveitar o que eles fizeram, mas de fato isso não resolve o nosso problema, nós precisamos de algo a mais.

Em geral, a educação abrange os seguintes aspectos: em primeiro lugar, a educação da personalidade, das emoções, das reações básicas, dos valores etc. Isso é feito, em geral, quase tudo na educação doméstica. Quer dizer, é na sua casa, no meio de sua família, que você vai receber aqueles valores primários que, de alguma maneira, vão lhe orientar para o resto de sua vida, quer você permaneça fiel a eles, quer você os mude depois. Mas, de qualquer modo, eles são o quadro inicial de referência, é onde se forma realmente a sua personalidade. Não há comparação entre a função da escola e a função da família no tocante à formação da personalidade.

A escola pode depois interferir em alguns hábitos, alguns valores, mas são hábitos e valores que dizem respeito mais à vida pública do sujeito. A personalidade de base, nós podemos dizer, já está formada quando você vai para a escola. Hoje em dia a tendência é mandar o sujeito para escola cada

vez mais cedo, para que a própria escola molde a personalidade de base. Já não somente os códigos sociais e os valores que vão orientar a convivência na sociedade maior, mas desde as próprias reações íntimas do sujeito. Hoje a tendência é fazer com que a própria escola as molde.

[Interrupção da aula]

O que eu estava dizendo é o seguinte: hoje em dia, a tendência é mandar as crianças para a escola cada vez mais cedo, de maneira que a escola, sobretudo a escola pública, possa exercer sobre as crianças a mesma função da família: formar a sua personalidade de base. A personalidade de base é o mundo emocional que você vai carregar o resto da sua vida. Já não somente aqueles valores, hábitos e códigos que servem para a convivência social no plano da sociedade maior, mas até aquelas reações elementares de natureza quase inconscientes, que estão profundamente arraigadas em você. Hoje, a tendência é fazer com que até isso seja moldado pela escola. Mas esse processo não se consumou ainda, por enquanto ainda é a família a responsável pela formação da personalidade de base.

Depois dessa educação, que chamaremos de educação moral — o que é só uma convenção, não é um nome técnico—, em seguida, começa a formação do cidadão para a convivência social, que naturalmente é feita na escola. Na escola é que você, pela primeira vez, vai receber regras formais que são válidas para toda uma comunidade. Essas regras são muito diferentes daquelas que você recebe em casa. Em casa você tem a autoridade do pai e da mãe que lhe dá certas ordens, coloca certas obrigações e coloca certas proibições, mas que só valem naquele contexto imediato, e que seria bem diferente do que você observaria numa outra casa. Neste plano você vê a infinidade de diferentes códigos familiares que podem existir.

Eu me lembro, por exemplo, que, quando era criança, eu praticamente jamais apanhava, e ficava horrorizado de ver como as mães dos meus amiguinhos batiam neles com uma frequência extraordinária. A minha mãe era muito boazinha, além de ser uma mulher muito bonita. E eu às vezes olhava as mães dos meus colegas, elas eram feias, brutais e cruéis, viviam batendo neles, fazendo ameaças terroríficas. Eu me considerava um sujeito muito afortunado, eu falava: “Estou no paraíso aqui.” Havia esse contraste.

Me lembro que eu tinha um amiguinho japonês. A família dele era mais ou menos recém chegada do Japão e ele me convidou para ir à casa dele. Estava a família inteira tomando banho num imenso tacho, todo mundo pelado, e ainda me convidaram para tomar banho. Eu fiquei aterrorizado, sem saber o que fazer, achei que aquilo era uma gozação. “Estão gozando da minha cara!” E não era, eles costumavam fazer isso realmente, e era um sinal de polidez, de deferência, me convidar para entrar no tacho. Eu não aceitei, sai correndo. E os pais do japonês eram muito educados, muito bonzinhos, nunca gritavam, e eu comparava com aquelas mulheres italianas — havia muitos italianos ali no Cambuci — que viviam gritando com as crianças e descendo a mão nelas. Então, de casa em casa, você via que os costumes eram os mais diferentes possíveis.

Agora, quando você ia para a escola, não. Você começava a receber códigos que eram válidos para toda uma comunidade de mil, duas mil, três mil, dez mil pessoas. Ali começava a tal da formação para a cidadania. Ser um cidadão é você estar submetido às mesmas regras que valem para toda a sociedade. Então, em um colégio grande com três ou quatro mil alunos, você tinha uma sociedade em miniatura, na qual o tratamento já não era direto e pessoal. Por exemplo, ninguém ia gritar com você como as mães, que às vezes tinham crises histéricas com as crianças. Algumas mães choravam, faziam chantagem emocional e se desesperavam quando os filhos não as obedeciam — o que era até pior do que bater neles. Você não via nada disso na escola, o tratamento era muito mais impessoal.

Se você cometesse uma infração qualquer, ninguém descarregaria sobre você as suas emoções pessoais, simplesmente o castigariam, suspenderiam, expulsariam ou você seria exposto alguma humilhação pública, mas era uma coisa impessoal e mais ou menos mecânica. Muito pior, é claro, do que a coisa doméstica, porque a sua mãe, por mais brava e histérica que ela seja, você também pode fazer a chantagem emocional em cima dela, mas ali no colégio chantagem emocional não ia funcionar, eles estavam pouco se lixando para você. As suas emoções pessoais já não contavam, contavam apenas os seus direitos e deveres iguais aos direitos e deveres de todas as outras crianças. **[00:10]** Esse era um segundo tipo de educação.

Essa educação não somente ia passar os direitos e deveres, mas ia passar certo número de códigos que permitiam que você agisse, que se virasse dentro da sociedade e aprendesse a obter dali aquilo que desejava e que era possível nas circunstâncias. Então, [essa educação] é o conjunto de habilidades práticas requeridas para a vida em sociedade. Inclusive já com até alguns rudimentos de vida comercial. Por exemplo, eu me lembro que a gente podia abrir uma conta no bar da escola para comer um sanduíche, mas você tinha de pagar. Você começava a entender que existe isso: você contrai uma dívida, você tem um prazo para pagar. Você começava a entender tudo isto.

Aos poucos essa educação social — vamos chamar social — se transfigurava numa educação propriamente intelectual: o adestramento para as ciências, para a linguagem etc. De início, essa educação também tinha um caráter puramente disciplinar, eles lhe ensinavam regras que você tinha de cumprir. Então, eu digo que ainda não era uma educação, mas apenas um adestramento. A educação do intelecto propriamente dito começa na hora em que se requer de você uma compreensão e uma elaboração mais pessoal das coisas. Isso, de fato, não só não era exigido como era até proibido.

Eu me lembro, por exemplo, que quando começaram as lições de Matemática — a primeira vez que me deram aula de Geometria e o sujeito definiu ponto, reta e plano, e disse que um ponto não media nada e que, somando-se vários pontos obtinha-se uma reta. Eu paralisei imediatamente e falei: “Espera aí, tem algum problema aí! Se você somar várias coisas que não medem nada, você não sai do lugar.” Daí o professor respondeu assim: “Não, mas isso aqui é intuitivo.” Eu falei: “Como intuitivo? Eu não estou intuindo nada aqui. Quanto mais você diz que é intuitivo, mais está me deixando maluco.” Então eu percebi que o objetivo daquelas aulas não era nos fazer compreender nada,

mas seguir certo protocolo de procedimentos que permitiam obter dos cálculos o resultado desejado, de modo que você fosse premiado ou castigado com uma nota dez ou uma nota zero — evidentemente eu tirei zero. Isso foi uma experiência pessoal minha. Eu me lembro que, naquele instante, o meu cérebro rejeitou profundamente aceitar a regra do jogo, que me parecia absurda. Eu lembro que naquele dia eu decidi: “Eu não assisto mais esta aula”. Quando chegava o professor de geometria, eu dizia: “O senhor entrou, eu saio. Não que eu tenha nada contra o senhor, não é nenhum ato de rebeldia, é simplesmente uma coisa de autopreservação, eu não quero ficar maluco.”

Até hoje, eu acho que eu fiz muito bem em fazer aquilo. Por quê? As elaborações matemáticas estão entre as mais complexas que um cérebro humano pode fazer, e se você se acostuma a fazê-las como sendo apenas um conjunto de regras a ser obedecidas... A Matemática transmitida não como educação verdadeira, mas como puro adestramento, como indução a uma obediência e a uma educação de comportamento, eu acho que isso faz um mal absolutamente formidável para a cabeça. Por ser uma atividade mentalmente complexa, você acha que está exercendo uma atividade intelectual, mas você a está exercendo exatamente como um macaco adestrado, e não como um ser humano que está compreendendo realmente o que está fazendo.

Por outro lado, a matemática é uma atividade mentalmente construtiva — vocês se lembram do nosso exercício do que é a percepção passiva e o que é a construção mental. É uma atividade puramente construtiva que não tem absolutamente nada a ver com a realidade exterior, ela é apenas algo que você está imaginando, é uma arte do imaginário. O imaginário controlado por certas regras e pelo fator quantidade que está sempre presente, e que não te deixa passar de certas medidas, mas de qualquer maneira é uma atividade do imaginário. Sendo uma atividade do imaginário e, portanto, uma atividade interior — não é uma atividade da percepção do mundo exterior —, e altamente complexa, você tem a impressão de que está exercendo uma alta atividade intelectual. E, quando vai ver, está apenas permitindo que o seu interior seja adestrado como um urso de circo, e está se bloqueando da verdadeira compreensão.

Eu me lembro que aquela birra que eu peguei com a Geometria... Enquanto estavam ensinando Álgebra, estava tudo bem — na álgebra eu fui bem, tirava sete, oito; de sete a dez, ia sempre bem. Quando começou a Geometria e o nego veio com aquela conversa de ponto, reta e plano, eu falei: “Ah, não, tu estás me enganando.! Eu empaquei ali e continuei pensando no problema até os trinta e tantos anos, quando eu escrevi aquele estudo *Questões de Simbolismo Geométrico,* onde finalmente matei a questão, e dali eu estava liberado para estudar geometria sem maiores problemas. Se o professor soubesse a explicação, ele teria simplesmente me dado a explicação, mas como não sabia, ele transformava a explicação numa determinação, numa ordem: você tem de fazer assim.

E isso, evidentemente, era a regra geral no ensino, porque a questão que eu estava colocando era uma alta questão de filosofia da matemática: a origem das figuras geométricas. Uma questão que ocupou desde Platão até Edmund

Husserl. Eu não sabia disso, evidentemente, eu não sabia que as questões que eu estava colocando, que me atormentavam pessoalmente, eram questões que tinham sido tratadas por cérebros tão eminentes. Ao contrário, ali me pareceu que eu fosse um sujeito... Eu nunca pensei que eu estivesse certo e o professor errado, eu achava, ao contrário: eu achava que era um jumento, que não estava entendo nada. Eu falei: “Eu não estou qualificado para acompanhar essa aula, portanto, eu me retiro.” E, evidentemente, eu tirei zero em Geometria até o fim do ano.

Mas isto é só para dar um exemplo de que o princípio do ensino das ciências e das artes é ainda um ensino disciplinar tal como a educação social (que nós estávamos mencionando há pouco), ainda não é uma educação intelectual. Às vezes, o restante da sua educação continua puramente disciplinar até você chegar à universidade, ou seja, a educação intelectual não começa jamais. A matéria, o conteúdo do que está sendo ensinado é referente às disciplinas intelectuais, é referente à educação intelectual, mas ainda está sendo tratado como educação social. Isto quer dizer que é possível, sobretudo nas circunstâncias brasileiras, você passar vinte anos de escola sem jamais receber nenhuma educação intelectual.

A partir dos anos 60, em que as universidades são ocupadas por esse pessoal militante, gramsciano etc., aí é que se torna assim. Pior ainda, porque o objetivo ali não é despertar efetivamente a capacidade intelectual do sujeito, mas moldá-la para que ele se comporte desta ou daquela maneira. Para que ele se integre no grupo, diga as mesmas coisas que o grupo está dizendo, sinta as mesmas coisas e seja facilmente mobilizável para esta ou aquela reivindicação ou organização política etc. Podemos dizer que, no Brasil, praticamente toda a educação se transformou em educação social e adestramento.

Quando você vê as coisas que aconteceram na semana passada na USP, aqueles movimentos reivindicatórios, aquela coisa toda. Em nenhum momento aparece na cabeça daquelas pessoas a idéia de que aquilo é uma universidade pública e, portanto, eles não pagam nada pelo que estão recebendo, é tudo de graça. E tudo o que é de graça foi extraído dos impostos pagos não por moleques, mas por pessoas de 40, de 50 anos que estão trabalhando — que vão desde a classe média até o operariado mesmo — está todo mundo ali pagando imposto. Você não compra nada, não compra um maço de cigarro sem pagar imposto, não compra um saco de feijão sem pagar imposto. Todo mundo está pagando imposto, menos aqueles camaradas, eles só estão recebendo, quer dizer, eles não estão fazendo nada pela sociedade, eles estão recebendo tudo e de graça. E na hora em que um sujeito desses sente que tem direito a reivindicar, ele já se transformou num bandido automaticamente. **[00:20]** Ele não tem direito de reivindicar nada, nada, nada. Quem está recebendo de graça tem de calar a boca e fazer o que lhe mandam. Quem tem o direito de reivindicar é quem está trabalhando, é quem está produzindo.

Por exemplo, o cidadão que paga 40% de imposto tem todo o direito de fazer uma greve, de parar, de xingar o governador de Estado, xingar ministro etc. Agora, molecada que está recebendo tudo de graça, e que não contribui nem com imposto e nem com trabalho, é um absurdo que a pessoa se sinta

habilitada a reivindicar. É uma coisa muito, vamos dizer... a famosa regra áurea da convivência humana, que é o segundo mandamento: “Ama a teu próximo como a ti mesmo”, que significa que você deve dar ao outro o mesmo tratamento que você deseja receber. Então naturalmente aquele que está sendo beneficiado com o ensino gratuito, e às vezes moradia gratuita e não sei que mais gratuito, assistência médica gratuita etc., ele deveria pensar: “Como eu posso reivindicar mais do que eu poderia dar? Não faz sentido isto, isto é um insulto às pessoas pobres que estão trabalhando para me manter aqui.”

Um operário de fábrica ou um trabalhador qualquer que faz uma greve ou um movimento, está reivindicando em nome daquilo que ele deu: “Eu trabalhei aqui, eu fiz isso, mais aquilo, mais aquilo, mais aquilo, e o que eu estou recebendo em troca é injusto.” Agora, o estudante que não deu absolutamente nada e que está recebendo tudo?! Como é que essas pessoas não percebem a sua verdadeira situação social? É simples: porque a própria circunstância social na qual eles vivem os ensina a encará-la não com o espírito de conhecimento e de objetividade científica, mas com o espírito de adestramento para certas atividades reivindicatórias, políticas, revolucionárias etc. Isto quer dizer que o sujeito não sabe onde ele está e não sabe o que está fazendo, ele só sabe aquilo que os seus colegas e os seus gurus acham que ele deve fazer, e que instigam nele a revolta e o ódio contra aqueles que não fazem. Isto aí é adestramento de macaco, evidentemente.

Curiosamente, embora esse tipo de atitude induza o indivíduo ao servilismo grupal mais extremo, ao ponto dele sentir que quem não pertence ao seu grupo não presta, é um fascista etc. Acabo de ver o documentário da USP, o pessoal chamando os outros de fascistas só porque os outros não queriam entrar na greve também, não queriam entrar no movimento também, até batendo nos caras. Essas pessoas foram adestradas para não saber onde estão, não saber qual é a sua verdadeira posição social, mas saber o que eles têm de fazer para serem aceitos no grupo. Embora essa educação concebida assim seja extremamente autoritária — o máximo do autoritarismo possível, onde tentar compreender a realidade é proibido e a única coisa permitida é comportar-se do jeito que se espera que você se comporte —, as pessoas acreditam que, ao contrário, elas estão lutando pela liberdade. Quando chega nesse ponto está tudo perdido, as pessoas intelectualmente se transformaram em lixo e dali nunca vai sair nada. Para um sujeito desses um dia começar a raciocinar criticamente — eles falam tanto em pensamento crítico, análise crítica etc., mas onde eles exercem essa crítica? Eles exercem essa crítica sobre coisas que nunca viram, e jamais raciocinam criticamente sobre a sua própria situação.

Por exemplo, vamos supor, quando um sujeito, num movimento desses, grita para o outro: “fascista!”. Eu digo: você imagina um aluno da USP fazendo um movimento para que o Estado lhe dê ainda mais do que já está dando, em troca de nada, e que ele vê outro lá estudando e o chama de fascista. Ele está imaginando que existe um governo nazi-fascista, um Mussolini, um Hitler, e que ele heroicamente é um membro da resistência. É claro que é uma imaginação totalmente deslocada da situação real. E se entra, por exemplo, a polícia lá um minuto, eles fazem um quebra-quebra. E se entra a polícia para parar, aí é que eles são confirmados na sua loucura: “Está vendo?! São as

tropas fascistas vindo aqui para nos esmagar.” Esse pessoal passa a vida num sistema mitológico, totalmente deslocado da realidade e aprendem a jamais perceber o que elas mesmas estão fazendo.

Quando você não tem idéia de si próprio como agente produtor da situação, então você está totalmente alienado, porque, às vezes, nós não entendemos como é que a sociedade funciona e o que está acontecendo, mas, pelo menos, nós temos de saber o que nós estamos fazendo, quais são as conseqüências das nossas ações e qual é o peso delas dentro do contexto. A situação verdadeira é de "filhinhos de papai e mamãe" que estão recebendo tudo de graça em troca de absolutamente nada e que estão revoltadíssimos com o papai, com a mamãe, com a sociedade, com o maldito capitalismo, com o governo que lhes deu tudo etc. Esta é a situação real. Na cabeça deles, eles são o proletariado em luta contra a opressão fascista. É claro que estão vivendo em um teatrinho imaginário e vão passar a vida assim. E desse teatrinho imaginário vai sair todo um conjunto de mecanismos de linguagem, um conjunto de associações de idéias e de metáforas, uma retórica inteira que os vai manter dentro desse mundo ilusório, dessa segunda realidade pelo resto de suas vidas. Alguns chegam aos sessenta, setenta anos e ainda estão metidos nisso.

Eu vejo quando eu escrevo alguma coisa contra um sujeito — por exemplo, quando houve aquele problema com o Quartim de Moraes — quando ele disse que havia sido condenado por um crime de homicídio e eu disse que ele era um homicida, condenado — ele ficou bravo. Eu me limitei a reproduzir o que ele disse, e então ele disse que eu sou um caluniador fascista, um perseguidor fascista. Houve uma manifestação de quase dois mil professores da USP, todos indignados; organizações inteiras reunidas para defender o Quartim de Moraes e eu, sozinho, do outro lado. E eles achando que eu sou o opressor fascista, que eu estou oprimindo toda essa gente. Isso aí é uma fantasia psicótica tão óbvia! Como poderia eu oprimi-los? Eu tenho uma organização do meu lado, tenho as tropas policiais, eu tenho o aparelho do Estado? Tenho nada! Eles é que têm tudo. Um sujeito falando alguma coisinha contra um deles se torna automaticamente o opressor fascista e, eles, heroicamente, se reúnem.

[interrupção da aula]

Quando você vê as pessoas interpretando a sua própria situação existencial de uma maneira tão deslocada da sua própria realidade, nós temos de nos perguntar: onde é que começou isso? Isto começa exatamente na educação. No momento em que o que deveria ser educação intelectual se transforma somente em educação disciplinar — o indivíduo que está acostumado a raciocinar não de acordo com os cânones do conhecimento, mas com os cânones de uma conduta socialmente aprovada — daí para adiante ele sempre vai pensar não para conhecer, mas para adequar-se ao que os outros esperam dele. Ele vai usar o pensamento, o conhecimento — a imitação de conhecimento — **[00:30]** como um meio de obter a aprovação, o amor, os bons sentimentos, os bons favores do seu grupo de referência. Ou seja, todo seu pensamento adquire uma estrutura mentirosa. E se o indivíduo continuar fazendo a mesma coisa e se adequar bem a isto, ele pode até se transformar

em professor universitário. Prestem atenção: todos os professores de filosofia e ciências humanas da USP que eu conheço raciocinam assim. Eles só querem mostrar que são bons meninos para o grupo que os aprova. Eles não têm nenhum interesse por conhecer nada.

O famoso teste que o Meira Penna fez entre os seus alunos da Universidade de Brasília, em um curso de Ciência Política, no qual ele perguntou aos meninos a que classe social eles pertenciam, nenhum sabia! Eles eram todos filhos de funcionários públicos, portanto, pertenciam à burocracia estatal. Nenhum sabia disto. Proletariado, classe média, clero — qualquer coisa — menos a realidade. Você pode ter certeza que essas pessoas, esses manifestantes da USP não têm consciência da classe social a que pertencem, ou seja, eles não sabem qual é o lugar que ocupam na sociedade, não sabem qual é o significado das suas próprias ações dentro do contexto social e estão sendo educados para não saber, sendo educados para viver dentro de um teatrinho no qual eles são outras pessoas, em outro lugar, fazendo outra coisa completamente diferente — não são alunos de uma universidade pública recebendo tudo de graça em troca de trabalho nenhum — são membros da resistência em luta contra o nazi-fascismo. Mas é claro que é uma ficção, uma fantasia, e esta fantasia quando passa de certo ponto é totalmente psicótica.

Eu creio que eu li aqui para vocês aquele trabalho que eu fiz sobre o ensaio do Vladimir Safatle, onde nós vemos que um membro da classe publicitária — um estudioso profissional de publicidade —não sabe o que está fazendo. Ele atribui as suas próprias ações a uma entidade abstrata e genérica chamada “mercado”. Mas eu digo: "quem fez isto não foi o mercado, mas você!" Quando você chega a este ponto, você está na alienação total — não se pode mais falar em paralaxe cognitiva — aí já é inversão de sujeito e objeto em nível psicótico. Como isto se transformou na norma e isto é o que se chama de vida intelectual no Brasil e, evidentemente, não é isto o que vocês querem fazer, então significa que tanto a sua educação moral, quanto a sua educação social, quanto a sua educação intelectual — da qual nós vamos falar daqui a pouco — primeiro: elas não podem seguir os mesmos cânones estabelecidos, nós vamos ter de inventar tudo de novo; segundo: dentro desse mesmo curso nós vamos ter de tratar não da sua educação intelectual, mas das três ao mesmo tempo, ou seja, você terá de fazer um exame retroativo da formação moral que você recebeu, da educação social que lhe foi inculcada e, portanto, da identidade social que você acha que tem; e terceiro: vamos ter que entrar na educação intelectual propriamente dita. Tudo isto para que você desempenhe, no futuro, uma função social que atualmente é inexistente.

Não existe no Brasil uma categoria de intelectuais que estão tentando analisar a realidade, compreendê-la e esclarecê-la de algum modo. Isto simplesmente não existe mais, são apenas pessoas tentando mostrar bom-mocismo para seu grupo de referência e tentando demonizar a aparência de um adversário freqüentemente inexistente, totalmente imaginário! Como nosso objetivo não é entrar nessa pantomima, mas justamente estourá-la, nós vamos ter de criar novos papéis sociais ligados ao exercício efetivo da vida intelectual. Como este exercício efetivo não existe no Brasil, e essa é uma situação específica do Brasil que não se repete nem mesmo aqui nos EUA. Aqui, até mesmo os professores ativistas das universidades têm noção do que é vida intelectual,

porque eles já tiveram isto desde o ensino secundário. Eles sabem o que é estudar, o que é a busca da verdade etc. Tanto que entre essas pessoas você vê um grupo bem maior de enganos bem intencionados do que no Brasil. São pessoas que efetivamente erraram no seu diagnóstico da realidade. Mas eu garanto para você que em geral, estes esquerdistas que tem por aqui, eles aceitam conversar, discutir e, se você provar o seu ponto, em geral, eles cedem — não que vão ceder no todo, que vão mudar, mas naquele ponto que você está discutindo eles cedem. Isto eu já testemunhei várias vezes. No Brasil não.

No Brasil, o pessoal que representa a classe intelectual — as "Marilenas Chauís, os Giannottis, os Safatles, os Emir Sader" — este pessoal vive não só na mentira efetiva, mas na mentira existencial total. Eles estão mentindo para eles mesmos, não sabem o que são e não querem saber. Toda sua vida é um jogo de esconde-esconde para que não percebam o que estão fazendo. Isto é uma coisa tão deprimente, tão horrível, que nós temos de examinar este fenômeno com certo cuidado, com certa prudência. Existe uma dose máxima de exposição a este fenômeno além da qual aquilo começa a exercer um efeito entorpecente, venenoso e possivelmente letal para a sua inteligência. Eu, em outras épocas, tive mais resistência para ler este tipo de coisa. O que eu li de besteira na vida, eu acho que sou recordista. Por exemplo, o livro da Marilena Chauí sobre Espinosa, eu garanto que fui o único sujeito que leu aquele livro. Por quê? Porque todos os críticos que elogiavam o livro, diziam que o livro estava acima de sua capacidade de julgamento — quer dizer: eles não entenderam. Todos eles diziam isso. E eu li o livro inteiro e raciocinei sobre tal. Ninguém foi mais bondoso com a Marilena Chauí do que eu. Li o livro dela inteiro — li este, li *O que é Ideologia?* e li o livro sobre a repressão sexual — eu li três livros da mulher! Puxa vida, então vão reclamar de mim? Nem a mãe dela leu! Eu acho que mãe dela é falecida — eu conheci a mãe dela, muito boa pessoa — o pai dela que também era meu amigo, já falecido, Nicolau Chauí — eu garanto que ele não leria, pois não ia entender uma palavra daquilo.

No Brasil, este tipo de coisa é normal: você vai elogiar o livro não porque você o leu e o compreendeu, mas porque a pessoa pertence ao seu grupo de referência que é o grupo do que você imagina que são os bons — os bons e heróicos combatentes em luta contra o fascismo. Quando nós chegamos a este ponto, fique sabendo então que dentro deste mesmo curso, nós vamos ter de dar uma boa parte da sua educação social, mas eu não posso dá-la sob modalidade disciplinar. Não é possível. A educação disciplinar você só pode dar com aquelas pessoas reunidas e tendo um sistema de punições e recompensas; você tem um corpo de funcionários capazes de aplicar estas punições e recompensas, ou seja, precisa ter uma escola fisicamente instalada; então isto não é possível e, mais ainda, eu não tenho nenhuma vocação em educação disciplinar. A educação disciplinar consiste em você repetir cinqüenta vezes a mesma ordem e cada vez que o sujeito descumpre você o manda de castigo. Eu não tenho a mínima paciência para fazer isto. Aqui nós vamos ter de passar a educação social sob a forma de uma meditação crítica sobre a sua própria experiência: aquilo que você aprendeu, aquilo que a você foi acostumado e recolocar a questão de se é isto o que você quer, se é isto o que você aceita e se era isto que você queria ser quando crescer.

Quanto à educação intelectual propriamente dita, o que nós estamos fazendo aqui é, evidentemente, uma coisa que não se pode encontrar em nenhuma escola brasileira, porque o que nós queremos é despertar a sua inteligência, mostrar a sua capacidade de compreender a realidade da experiência. Esta é uma experiência que a maior parte das pessoas nunca teve. É incrível! Eu já dei aula para **[00:40]** milhares, dezenas de milhares de pessoas e, muitas vezes, eu tive este *feedback*. As pessoas me diziam: "Ah, então dá para fazer isto?" Mas é claro que dá! O ser humano nasceu para fazer isto. Nós temos esta capacidade. Ou seja, você vai olhar a situação com os seus próprios olhos e vai entendê-la. E, em geral, você vai entender da mesma maneira que outro sujeito que examinou a situação e a enxergou. E isto não é milagre nenhum, sempre foi assim. A capacidade intelectual mínima, a experiência da capacidade intelectual é algo do qual todos vocês foram privados na escola, desde o primário e até mesmo universidade. É claro que isto tudo configura um crime. Hoje, quando o Estado já está educando as crianças para a prática da pedofilia, isto é, transformando as crianças em clientela de pedófilos e proclamando que a pedofilia consentida não é crime etc. — já existe sentença do STF nesse sentido — é isso que está sendo ensinado na escola. E daqui uns anos, eu aviso a vocês, o uso da palavra pedófilo será proibido. Você não poderá chamar a um pedófilo de pedófilo. Assim como hoje não se pode chamar um abortista de abortista, não será permitido chamar um pedófilo de pedófilo, pois você irá para a cadeia se fizer isso. Isso está sendo programado e será feito.

Já que é nessa sociedade que vocês vão viver, não há nenhuma possibilidade de adquirir uma formação intelectual para se encaixar harmonicamente, pacificamente dentro dessa sociedade, porque ela é incompatível com o exercício da vida intelectual. Vocês estão recebendo aqui um tipo de educação que vai colocá-los em uma situação conflitiva e, evidentemente, vocês não vão entrar neste conflito para perder: vão entrar para se imporem como verdadeiros conhecedores do assunto, como autoridade e mandar aos outros calarem a boca. Esta é a sua função: tentar se transformarem em intelectuais sérios e criar um novo modelo de conduta que a sociedade desconhece — e vão ter que impor este modelo. Para impor este novo modelo é necessário que vocês comecem a examinar desde a sua formação emocional de base para ver se ela os qualificou para isso. Porque o normal na situação brasileira de hoje é ser educado para se tornar um pusilânime, um covarde. Isto é a norma.

Outro dia telefona um cidadão para mim — rapaz inteligente, trabalha no Itamaraty, tem um bom emprego — e ele me perguntou assim: “Mas será que não tem outro jeito de a gente combater, um jeito mais pacífico, a gente fazer um acordo, conversar educadamente com estas pessoas"? Eu falei: “Olha, ter até tem, mas eles vão te comer vivo, é o que sempre fazem. Quanto mais educado você é, mais eles sobem em cima”. Daí ele disse: “Não, é que tenho muito medo, sabe?". “Mas medo do que?”. “Eu tenho medo deles me destruírem”. E eu disse: “O que eles vão fazer com você? Vão matar você?”. “Ah, não". “Vão bater em você?”. “Não”. “Eles vão tirar seu emprego deixando você morrer de fome?”. “Também não.” “O que vai acontecer?”. “Eles vão me mandar de primeiro secretário de embaixada em Nairóbi”. Eu falei: “Mas este é o perigo que você corre? Poxa, se alguém me mandasse como primeiro secretário de embaixada para Nairóbi, eu seria grato com o sujeito pelo resto

da minha vida! Porque em Nairóbi um funcionário de embaixada não tem nada para fazer o dia inteiro. Então você vai estar lá com um belo salário, com uma posição social importante, respeitado pelas autoridades, pelo povo, com carro oficial e sem nada para fazer. E você pode estudar, pode escrever livros."

No Brasil, o Itamaraty foi um grande produtor de intelectuais: João Guimarães Rosa, José Guilherme Melquior, um monte de gente foi embaixador. Paul Claudel foi embaixador. É uma profissão boa. Agora, se o mandarem para Washington você está lascado porque vai ter serviço. Se mandarem para Paris você vai ter serviço, mas se mandarem para Nairóbi, é a maravilha. Citei o exemplo do meu amigo Jerônimo Oscar, que no tempo do Fernando Henrique teve um problema e o pessoal de vingança o mandou para a Romênia — quer dizer, sepultamento profissional. O que é que ele fez? Ele não tinha nada para fazer, acabou se relacionando com todo mundo se tornando o personagem mais popular da Romênia. Quando aparecia no balcão o presidente da Romênia com o Jerônimo, o pessoal perguntava: quem é aquele sujeito que está ao lado do Jerônimo? Ele virou um herói nacional da Romênia. Foi divertido pra caramba! Foi maravilhoso. Ele ficou oito anos na Romênia e se divertiu pra caramba. "Qual é o problema? Por que você está com medo de ser mandado para Nairóbi?" Daí ele disse: "É, pensando bem, não tem problema nenhum." Pois é, você vê como estava com medo de uma coisa que não pode prejudica-lo de maneira alguma! Só pode beneficia-lo! No fim da conversa ele disse: "Sabe o que é que falta para pessoas da minha geração?" Eu falei: "Não". E ele: "Falta vergonha na cara". "Agora você matou a charada!" Vocês foram educados para serem uns boiolas. Todos vocês. E educados para ficar com medo de coisas que não existem. Porque de coisas que existem vocês têm de ter medo. O medo tem de ser proporcional à situação, proporcional à ameaça.

Quando a ameaça não vem da realidade, mas vem do seu imaginário, então não há limite para o medo que você pode ter. Você pode ter medo de respirar. E é assim que se mantém as pessoas sob domínio: espalhando um vago temor não definido e de fato jamais concluindo a ameaça, porque se ela se cumpre, você vai ver que não era ameaça, não é tão grave assim. Por exemplo: por que o pessoal tem medo dessas organizações de esquerda? O que elas podem fazer contra você? O que elas podem fazer contra mim? Elas podem falar mal, mas eu posso falar mal delas também. Elas vão me olhar feio, elas não vão gostar de mim e dizer: "agora eu não gosto mais de você". E quem quer o amor delas? As pessoas são educadas para se tornarem carentes afetivas e estar sempre esmolando amor e compreensão. Então eu sugiro: qual é o antídoto contra isto? Você faz a lista das pessoas que você gosta e respeita e diz: eu quero que estas pessoas aqui gostem de mim e os outros não. Agora, se você vê que um desses começa com chantagem emocional... Porque quem gosta de você quer que você se desenvolva e se realize e que você se torne forte, independente e capaz — não é isto? Agora, se quer te manter na escravidão, é claro que não é teu amigo, então este você corta da lista.

Uma vez teve um aluno que falou para mim: "Ah, se eu continuar a estudar essas coisas a minha namorada não vai me chamar mais de meu fofinho." Oras, você dá um pontapé na bunda dela e arruma outra melhor. O que é isto? Vem com frescura para cima de mim? Como é que você quer estudar e ser um

filósofo e quer ser chamado de "meu fofinho"? Esta educação recebida cria limitações morais, emocionais, sociais e intelectuais gravíssimas. O exercício da vida intelectual, sobretudo da filosofia, não é compatível com nenhuma espécie de covardia; nem covardia física, nem moral, muito menos covardia intelectual — medo de saber como as coisas são *mesmo*. Nós vamos ter de rever tudo isto. Nesse sentido, é um problema para mim, porque eu não posso entrar direto numa formação intelectual partindo do princípio de que as pessoas estão emocionalmente e socialmente prontas para aquilo, porque não estão. Todos vocês foram submetidos a um sistema corruptor já desde a infância. A idade máxima dos alunos aqui é trinta e poucos anos, pode ter alguém mais velho, mas a maior parte tem menos de trinta anos. E este processo que eu estou descrevendo para vocês está instaurado no Brasil desde há mais de quarenta anos. Em história se mede uma geraçao em mais ou menos em trinta anos, portanto já são duas gerações que foram submetidas a isso.

Um dos efeitos que isso tem é a perda total da capacidade nominativa da linguagem. As três funções da linguagem que fala Karl Bühler. Karl Bühler dizia que a linguagem tem três funções. **[00:50]**

A primeira é a função expressiva, pela qual você manifesta seus sentimentos, seus estados interiores etc. O sujeito dá uma martelada no dedo e diz “Ai!”. O que ele está fazendo? Ele está expressando. Quando ele fica com medo, pede socorro, e assim por diante. A segunda função é a apelativa. A função apelativa é aquela pela qual você age sobre as consciências dos outros. Por exemplo, o vendedor que está argumentando para você comprar um carro ou uma geladeira não está expressando as suas emoções, está agindo sobre sua mente. Isso aí já requer certo recuo do sujeito em relação à sua linguagem, ele tem de ter certo domínio sobre a linguagem e sobre a situação para ele poder fazer isto. E para isto ele tem de recuar ou reprimir o uso expressivo, porque muitas vezes o sujeito está tentando vender uma coisa e a vontade que ele tem de dizer é: “Não compre essa merda, meu filho”. Eu lembro que quando eu era sócio do Luís Pellegrino na livraria Zipac, uma livraria esotérica em São Paulo, um dia ele chegou para mim e disse: “Olha, você é o pior sócio do mundo!”. E eu disse: “Por quê?” “Sim, porque as pessoas chegam aqui e perguntam: Que livro desses eu devo ler sobre esoterismo? — e você responde: Nenhum. Não leia esta porcaria.” Então eu pensei e falei: “Ó, meu filho, você tem toda a razão. Quer comprar a minha parte na livraria?” Daí ele disse: “Quero”. Vendi a minha parte para ele e fui fazer outra coisa. Quer dizer, eu não sirvo para ser livreiro, pelo menos livreiro esotérico eu não posso ser. Veja se eu vou recomendar ao sujeito ler Madame Blavatsky? O que é isto, porra? Então, o vendedor pode, pelo lado expressivo, estar com vontade de expressar exatamente o contrário, dizendo: “Não compre esse carro, meu filho, esse carro vai quebrar na primeira esquina, isso aí é uma droga. Compre o carro da outra fábrica que é o mesmo que eu tenho. Eu estou aqui vendendo um Chevrolet, mas o que eu tenho é um Ford.” Então a função expressiva tem de recuar para que a função apelativa exerça sua função sobre a cabeça do ouvinte.

E, terceiro, tem a função nominativa, que é a função de descrever a realidade. Essa é, evidentemente, a mais difícil, e, para que você descreva a realidade, as

outras duas funções têm de recuar. Nominativo, porque é dar nome às coisas. Ora, no uso geral que se está fazendo da língua portuguesa no Brasil, a função nominativa simplesmente desapareceu. As pessoas não escrevem para descrever o que estão vendo, o que estão experimentando, ninguém mais faz isto. Elas só escrevem para dar certas impressões. Ou porque isso lhes faz bem, portanto estão na função expressiva ou porque querem que as pessoas sintam isso ou aquilo para que ajam da maneira que interessa a eles. Se eles soubessem que estão fazendo isso, teriam então o domínio da linguagem. O sujeito pode até ter começado de caso pensado, mas de tanto repetir, isso se tornou um hábito e o indivíduo pensa que está na função nominativa, ele pensa que está falando da realidade, mas ele não está, está na função meramente apelativa ou expressiva.

O resultado se manifesta e se torna visível, sobretudo, no uso das figuras de linguagem. Você não encontra hoje, lendo artigos na mídia, sobretudo, e lendo até livros, dificilmente você encontra uma figura de linguagem que corresponda àquilo que o sujeito está querendo dizer. Eu vou lhes dar um exemplo: outro dia lendo um artigo do Frei Betto, em que ele estava querendo contrastar a civilização tradicional do Oriente, os valores profundos da mística oriental com o materialismo capitalista ocidental, ele disse o seguinte: “Eu visitei vários mosteiros no Tibet, na China, no Japão e ali havia aquela paz, aquela meditação e depois, olhando um aeroporto em Nova York, vendo aquela agitação, as pessoas comendo demais, todo mundo nervoso, eu me perguntei: “Qual desses dois modelos cria maior felicidade?” Eu digo: Bom, experimenta fazer o contrário, compare um mosteiro em Londres e um aeroporto em Pequim. Você está contrastando duas civilizações ou dois tipos de edifícios? Então, esse é o tipo da figura de linguagem totalmente desastrosa. Pior, eu vi que essa crônica circulou pela Internet e todo mundo dizia: “Mas que coisa linda, que coisa bem escrita”. É um analfabeto escrevendo para outro mais analfabeto ainda. Isto eu estou falando não porque é o Frei Betto, mas porque todo mundo hoje escreve assim. Quando não escreve assim é o João Pereira Coutinho, mas ele é português. Ele sabe fazer uma figura de linguagem. Uma figura de linguagem que expressa não a sua deformação mental, mas que expressa a realidade da qual ele está falando.

Quando eu li também aquele negócio do Dr. Emir Sader que dizia assim: “Há personagens que pela sua grandeza transcendem a capacidade de descrevê-los. O que quer que você diga sobre Karl Marx está abaixo, o que quer que você diga sobre o Fidel não vai alcançá-lo, o que quer que se diga sobre o Che...” Mas eu digo: Espere aí, nenhum ser humano pode ser transcendente à linguagem humana. O maior dos seres humanos pode ser descrito pela linguagem humana. Agora, se você fala de Deus, bom, daí não dá, porque Deus é infinito, eterno etc. e toda a nossa linguagem está condicionada às figuras do mundo temporal onde nós vivemos, então aí você tem uma certa dificuldade e mesmo assim dá para escrever um bocado sobre Deus. O que quer dizer *Teologia*? Teo e Logos, falar sobre Deus. Quer dizer, até de Deus os teólogos falam, agora o Che transcende a linguagem humana. Claro que isso aí é uma idolatria psicótica. Não é uma idolatria apenas, mas uma idolatria de tipo psicótico. Mas ele não percebe que é isto, ele não percebe que ele fez isto. Ele não percebe que atribuiu características divinas à inexpressabilidade.

“O Che é inefável, inexpressável, inexprimível, inalcançável.” E as pessoas lêem isto e elas não percebem que é ridículo. Então quer dizer que o domínio da linguagem se perdeu completamente. Esta é a maneira de escrever que é normal entre pessoas consideradas intelectuais. E tem um imenso público na universidade que acha que eles escrevem bem. As pessoas já não têm a menor idéia do que é escrever bem. Então, o que vai acontecer se você começar a escrever bem? As pessoas vão entendê-la nos termos do analfabetismo consagrado. Vão achar que você está fazendo as mesmas coisas que elas estão acostumadas a fazer. E, naturalmente, vão passar longe daquilo que você quis dizer. Mas, se você disser: “Mas eu não quero que isto aconteça, eu quero que essas pessoas me compreendam”. Isto é impossível, porque elas também não compreendem o Frei Betto, nem o Emir Sader. O que houve ali é o modelo de leitura deles. É apenas um modelo de auto-identificação grupal: as pessoas lêem em busca de certos símbolos, de certos emblemas, de certos lugares-comuns que evocam neles um senso de concordância, um senso de pertinência, um senso de que elas pertencem àquele grupo, que esse é um dos nossos... é só isto. Eles não estão falando de nada, estão apenas mostrando a carteirinha do clube.

Como os brasileiros — por terem recebido a educação emocional que eu mencionei — são pessoas medrosas, carentes afetivas, incapazes de lutar por si mesmas e sempre necessitadas de um apoio, de uma aprovação social, é precisamente isso que elas buscam na leitura também. Elas querem sentir que pertencem a um grupo, que são amadas, que são aceitas, que encontraram seus semelhantes, é só isto que estão procurando. Ora, essas funções todas de integração grupal são problemas que qualquer cachorro, coelho, esquilo ou rato tem. Todos eles têm necessidade de um grupo de referência. Quando um cachorro sai cheirando a bunda dos outros cachorros, ele está querendo saber quem é esse cara, de onde ele vem, se ele é amigo ou inimigo etc. Então é uma função puramente animal.

[01:00] A possibilidade de saltar disso para o mundo cognitivo, que é o mundo da objetividade, da realidade, é nula. E o mundo da realidade está para essa experiência da identificação grupal mais ou menos como o oceano está para uma poça d´água. Você está acostumado com aquilo como um girino está acostumado a nadar na poça d´água, e de repente alguém te bota o mar na frente.

Existe um conto do Hermann Hesse que se chama *O Selvagem*. O selvagem é um sujeito que tem um problema qualquer com o pajé da tribo e é expulso da tribo. Ele está muito triste ali, andando no mato, sai andando, andando, andando e, de repente, ele chega ao mar, que era uma coisa que até aquele dia ele não conhecia. Ele vê aquela coisa imensa, e então percebe que todo aquele problema que ele teve na tribo era uma absoluta insignificância, era um nada. A abertura para o mundo do conhecimento é esta experiência, é se abrir para uma dimensão que não existia. Agora, se você ainda está preso dentro daquela dimensão e se tudo o que você quer é sentir a identidade grupal, é sentir aquele apoio, você não vai conseguir jamais.

Entre o momento em que você pertence à tribo e o momento em que você descobre o mar, existe a travessia ali do mato, em que você vai estar sozinho e

vai estar muito triste e achar que está tudo perdido, mas é uma ilusão e isto dura pouco. Portanto, não me venha com essa conversa: “Ah, agora ninguém gosta mais de mim e eu tento discutir com as pessoas e elas não mais me aceitam.” Primeiro: você não tem de discutir com essas pessoas. Você não tem de discutir com ninguém, com ninguém. Tem um escritor colombiano, um excelente escritor, Nicolás Gómez Dávila, ele diz o seguinte: “Vencer um tonto nos humilha.” A minha vida você sabe que é uma sucessão de humilhações; no Brasil só tem tonto, querer discutir com Emir Sader, é derrotar tonto. Quer dizer, a minha vida é uma humilhação sucessiva. Mas eu faço isso porque é obrigatório fazer. Não porque eu deseje convencê-los disso ou daquilo. Imagina se eu desejo mudar a opinião do Dr. Emir Sader! A única coisa que eu quero que o Dr. Emir Sader faça é que ele largue a profissão intelectual e vá pra casa. Faça que nem o Ennio Candotti: vá plantar batata, vá trabalhar de frentista de posto de gasolina, vá criar galinha, vá fazer alguma coisa que esteja à altura da sua capacidade intelectual. Sai daí, é só isso que eu quero, sai daí! Pára com esta palhaçada! Não quero convencê-lo de absolutamente nada. Ele não tem capacidade para isso, esse pessoal todo não tem capacidade. Então, só o que eu quero é mostrar para eles, num relance, que eles tenham um relance intuitivo e percebam a fragilidade da sua posição existencial e que vão cuidar de suas vidas. Se eu não conseguir mostrar para eles, pelo menos conseguir mostrar para os outros. “Olhem, isso aí é um palhaço, é um louco. Saiam de perto!”

Agora, se você vai discutir com o seu colega de faculdade, com o seu colega de trabalho, com o pessoal da sua família, para que você está fazendo isto? Você não vai trazer nenhum benefício para eles, nem para você, nem para terceiro. Você está apenas tentando conquistar a adesão deles a você, para que eles gostem de você, e isto está profundamente errado. Porque você está caindo de novo na mesma armadilha. Caiu de novo na armadilha da busca da aprovação social. Só que você se tornou um cara diferente e quer que eles aprovem o diferente.

A resposta para isso é muito simples: “Vai procurar a sua turma.” Quem é a sua turma? São os outros estudantes do seminário. Tem um montão, aqui tem centenas. Você não vai se sentir sozinho porque há aqui outras 400 pessoas que estão buscando aquilo que você está buscando, e isso é a base da amizade. São Tomás de Aquino dizia que a amizade consiste em querer as mesmas coisas e rejeitar as mesmas coisas. Aqui nos Estados Unidos as pessoas compreendem isto, porque a rede de amizades aqui costuma formar-se pela afinidade na busca de certas coisas. Há, por exemplo, pessoas que gostam de caçar, então você vai lá e faz amizade no círculo de caçadores. Aqui está cheio, aqui na Virginia está cheio. Ah, você não gosta de caçar, mas gosta de poesia, então tem lá o clube de poesia; os caras vão lá recitar poesia e você faz amizade ali. Ou seja, a amizade não é feita na base da pura simpatia pessoal momentânea que é totalmente enganosa, meu filho. Você pode simpatizar com uma pessoa, mas você não sabe quem é ela realmente. Então aqui, nos Estados Unidos, esse problema está resolvido. As amizades aqui são mais sólidas por causa disso. No Brasil, o que é a amizade? O sujeito ser seu amigo significa o seguinte: ele está no seu círculo de amizade, no seu círculo de convivência, então ele adquiriu o direito de falar mal de você. Todos nós sabemos que é isto. Isto é o máximo que você vai obter de um amigo. Agora

experimenta pedir um dinheiro emprestado para o desgraçado que você vai ver que a amizade acaba naquele mesmo momento. Você está lá desesperado, sem emprego, sua mulher está doente, seus filhos estão sem leite pra tomar, e você vai pedir um dinheiro pro sujeito. O que ele faz? Ele não lhe dá o dinheiro e ainda lhe dá um discurso moral. Dá uma série de conselhos onde ele prova por A + B que você é um irresponsável, moleque etc., e você sai dali muito grato e mais necessitado do que nunca da aprovação daquele sujeito. É isto que é a amizade no Brasil. Vocês sabem, vocês têm a experiência disso.

Se você tenta discutir com essas pessoas é porque quer a aprovação delas. Só é lícito começar a discutir e começar a falar em público quando você está realmente empenhado numa missão e não espera mais a aprovação das pessoas, e você não quer isto. Se você quiser a aprovação delas você já está numa posição fraca. Quando eu começo a falar ou discutir em público com um sujeito qualquer, eu não quero a aprovação dele, eu digo: “Se você me aprovar, isto é vantagem para você. Eu não vou ganhar nada com isso.” Se você disser: “Ah, agora você mudou minha idéia, agora entendi, agora estou acreditando em você.” Eu digo: “Bom para você, porque para mim você só vai fazer uma coisa: você vai começar a mandar e-mail, fazer perguntas, vai começar a me encher o saco. É isso o que eu ganhei de convencer você. Agora, você não, meu filho, você ganhou uma nova perspectiva, uma nova vida. Então, sorte sua que acreditou em mim.”

Eu realmente não preciso mais da aprovação dessas pessoas. Não preciso da aprovação de mais ninguém. Eu tenho algo a dar para vocês. Se pegarem, sorte sua, bom para vocês. Se não pegarem, problema seu. Eu me sinto amplamente recompensado simplesmente por estar fazendo o que estou fazendo, porque é algo que eu planejava fazer a minha vida inteira. Então você, no curso da sua formação intelectual, moral e social que vai adquirir aqui mesmo, sábado após sábado você vai consolidando estas coisas, você vai ficar muito mais forte do que está. E vai adquirir aquele tipo de respeito por si mesmo, aquela consciência clara daquilo que está fazendo que lhe permitirá adotar, como eu mesmo adotei, a divisa do Dom Quixote: “Yo sé quien soy”. Eu sei quem eu sou, eu sei o que estou fazendo, eu sei quando eu estou certo, eu sei quando eu estou errado e a sua opinião a meu respeito, para mim não significa nada, nada, nada. Só que para isso você tem de adquirir a condição de objetividade. A condição de reconhecimento da realidade, e isto é um treino. Vai muito tempo para adquirir isto. A vida intelectual, compreendida tal como estamos compreendendo aqui, ou seja, como a condensação e um *upgrade* da educação social e do adestramento que você recebeu, ela significa a conquista da maturidade. Aristóteles já dizia que o homem ideal para o estudo da filosofia é o homem maduro. O que é ser um homem maduro? Por exemplo, se você tem filhos, e muitos aqui têm, você tem de saber o seguinte: você, dos seus filhos, não vai obter nada. **[01:10]** Acidentalmente você pode obter. Se você tiver muita sorte eles podem te dar algumas satisfações. Mas, em geral, não vai haver tempo de eles retribuírem nada. Isso significa que não adianta você cortejar os seus filhos. Hoje em dia a coisa mais comum é as pessoas dizerem: “Mas o que os meus filhos vão pensar de mim?” Eu nunca perguntei o que eles pensavam de mim e se eles vierem me dizer eu digo: “Não me encham o saco, que eu tenho mais o que fazer. Eu não quero saber a sua opinião a meu respeito! Eu sou seu pai, eu estou aqui para trabalhar por

você, te sustentar, te educar, te botar no mundo e não para ser do jeito que você quer que eu seja!" Às vezes eu digo para eles assim: Você é responsável pelo pai que você tem, porque o único pai que deu pra você arrumar foi este, então se vire. Eu estou aqui cumprindo o meu dever, fazendo da melhor maneira possível — cá entre nós eu sei educar criança e até adolescente, mas eu sei fazer — não estou aqui para moldá-los à minha imagem e semelhança, de maneira alguma, estou aqui para ajudá-los na vida, e simplesmente não há tempo para eu perguntar o que eles estão achando disso.

Se você está pronto para isso, se está pronto para amar e fazer o bem para as pessoas, sem querer saber o que elas pensam de você, então você alcançou a maturidade. Ou seja, não pode dizer a mesma coisa da sua mulher, do seu marido, isso aí não. Porque é um seu igual e vai ter alguma opinião sobre você e a opinião pode estar até errada, mas você não pode se recusar a ouvir. Agora, de criança e de adolescente? O que é isto, meu filho? A gente às vezes vê esses filmes americanos e estão lá o pai, a mãe, e eles juntam as crianças de cinco, seis anos e falam: "Olha, eu decidi aqui mudar de casa, o que é que vocês acham?" Daí eles fazem uma assembléia familiar e as crianças votam. Isto aqui é uma coisa de uma covardia e de uma maldade que vocês não imaginam. Por quê? Vamos supor que o sujeito mude de casa e dê tudo errado. Vinte anos depois ele vai poder dizer pros filhos: "Ah, mas vocês aprovaram!" E eles vão dizer: "Não, eu era apenas uma criança, não sabia o que estava fazendo. A idéia foi sua, a responsabilidade é sua." Você está tentando se aliviar da responsabilidade, mas você não vai conseguir. É natural da criança atribuir a responsabilidade ao adulto, mesmo que ela tenha aprovado. Se você transforma a criança num eleitor adulto com direito a voz e voto, isto só se passou na sua cabeça, não na dela. Então você está vivendo dentro de uma mentira, e você botou as crianças dentro da mentira e as está usando como instrumento para sustentar a sua mentira. E você vai querer que elas fiquem satisfeitas por causa disso?

Então duas sugestões que eu dou para os pais: primeiro, não atormente seus filhos. Não fique o dia inteiro dizendo o que eles devem fazer. Interfira raramente, deixe o espaço para que eles tomem as suas decisões quanto às suas vidinhas; vidinhas deles, não a sua! Não diga para eles o que eles devem comer, o que devem vestir, que horas eles devem fazer isto etc. Intefira o mínimo. Quando interferir e disser: "Faça assim ou não faça aquilo" e ele perguntar o porquê, responda: "Porque eu mandei". É simples. As crianças aceitam isso com uma naturalidade impressionante, mas se você fizer isso duas ou três vezes por mês. Se você fizer mais você começou a enervá-las. Note bem: a Bíblia proíbe enervar crianças. Eu sei que uma das maiores ocupações de pais e mães, sobretudo mães, é enervar crianças, ficar o dia inteiro dando palpite, julgando-as dia inteiro e querendo decidir tudo por elas. Isto aí é um inferno, não faça isto. Se você quer ter autoridade sobre seus filhos você tem de refrear a sua autoridade para que ela não se transforme num abuso. É justamente porque você tem autoridade total sobre a criança que você tem o dever de refreá-la e não transformar essa autoridade num motivo de enervamento. E, *mutatis mutandis*, jamais pergunte o que eles acham. Não queira a aprovação deles, o amor do pai para filho é um amor *one way*. Não é mútuo que nem o de marido e mulher. Marido e mulher eu dou e recebo. Mulher dá e recebe. Se ajudar, ela te ajuda. Você dá uns palpites para

ela, ela dá uns palpites para você. Com criança não, pelo amor de Deus, você não casou com os seus filhos! Hoje está na moda o filho... o pai transa com o filho, o filho come a mãe, aí estão as novelas da Globo... mas também não recomendo que faça isso. Se fizer não me conte.

Para você progredir na vida intelectual — e lembre-se, toda essa fase desse curso é uma fase introdutória, uma fase de preparação do imaginário, de aprimoramento da sua maturidade ou conquista da maturidade para que quando nós tomarmos as questões filosóficas substantivas, vocês tenham a atitude certa, que é atitude de sincero interesse pela verdade e não de busca de uma pura auto-satisfação. A auto-satifação deve ser buscada na atividade em si e não no conteúdo das respostas buscadas. Você deve estar disposto a aceitar qualquer verdade. Diz que Maomé rezava sempre assim: “Deus, me mostra as coisas como são.” Eu acho isso maravilhoso. O que quer que você pense de Maomé sobre outros aspectos (...) Esta prece é exemplar. E eu, antes mesmo de saber isto, eu me lembro que na juventude eu li os livros de uma psiquiatra, psicanalista chamada Karen Horney, *A Personalidade Neurótica do Nosso Tempo* e vários livros clássicos da psicanálise. Eu não me lembro de quase nada, mas eu me lembro que ela mostrava muito bem o que eram as racionalizações ou auto-enganos. Eu, quando vi aquilo, falei: “Meu deus do céu, esse negócio é realmente perigoso! Eu me enrolo a mim mesmo de uma maneira fantástica. A nossa tendência é nos enrolar. Só que se eu me enrolo eu obtenho aquela satisfação momentânea, mas eu estou cada vez mais pulando fora da realidade e isto pode ser perigoso.” Quer dizer, eu andar em minha própria companhia é muito perigoso. Minha mãe sempre dizia para eu evitar as más companhias, mas eu dizia: “Eu não posso mãe, eu estou comigo mesmo o dia inteiro aqui.”

Então, eu, desde muito cedo, desenvolvi essa coisa de tentar descobrir qual é o meu auto-engano. E, sobretudo, eu lembro que na hora em que eu ia dormir, eu me deitava um pouco antes de ficar com sono, e falava: “Olha, eu vou permitir que venha de dentro de mim qualquer informação que tenha aqui. Por mais decepcionante, vergonhosa ou temível que seja, eu quero saber. Eu estou aqui deitado, tranqüilo, não vai me acontecer nada, se eu descobrir as piores coisas a meu respeito ninguém vai saber. Estou aqui, comigo mesmo, em perfeita segurança. Eu quero saber a verdade a meu respeito.” Quantas vezes eu não vi que durante o dia eu tinha enrolado as pessoas, tinha enganado, milhares de vezes. De tanto você ver isso, você começa a perceber isso nos outros também. E isso significa que dali para diante você não tem mais que mostrar que você é melhor do que as pessoas, porque você não é. De fato você não é, você é apenas mais um. E se alguma vantagem você tem é porque você começou a descobrir em você mesmo a raiz do mal, da mentira, da falsificação etc. A vantagem que você tem é essa qualidade a mais que os outros não têm, ou seja, você conhece a sua maldade.

Eu não sei onde eu li, quem falou, eu não lembro se foi León Bloy, ou [Jules] Barbey d’Aurevilly, eu não lembro. Barbey d’Aurevilly é um escritor maravilhoso do século XIX, que pouca gente leu, mas é incrível. É tão bom quanto Balzac. E ele dizia o seguinte: o mundo se compõe de dois tipos de pessoas: pessoas boas que acham que são más e pessoas más que acham que são boas. Isto aqui é para você guardar na sua cabeça o resto da sua vida. [Se]

o nego está querendo se fazer de bonzinho, mostrar bom-mocismo, mostrar bons sentimentos é porque ele não presta. Fuja disso aí. Sobretudo quando você lê esses artigos de jornal e vê **[01:20]** aquela exibição, aquele esforço para agradar a certos grupos, mostrar certos serviços para certos grupos, você está lidando com hipócritas, bandidos, mentirosos, gente perigosa mesmo. Se o sujeito começar a querer se mostrar muito mal demais também está mentindo, é porque ele está fazendo diabolismo, ele está fazendo a apologia do mal, o prestígio do mal. Tipo Marquês de Sade, Jean Jacques-Rosseau, Jean-Paul Sartre faz isso. Esse também está com treta.

Outra coisa que você tem de entender é o seguinte: existem pessoas melhores do que você, muito melhores. São pessoas que simplesmente fizeram essa prática da confissão para si mesmas durante muito tempo, não só por curiosidade mórbida, porque se você começa a fazer por curiosidade mórbida, tentando descobrir ali só o que tem de ruim dentro de você, como faz Jean-Paul Sartre, por exemplo, você também está se enganando. A primeira coisa que nós descobrimos quando começamos com isso, quando começamos essa confissão, não é a sua maldade, mas a sua mediocridade, a sua mesquinharia. Você diz: “Meu deus, como eu sou pequeno, como eu sou mesquinho, como eu sou um merda, como eu sou igual a todo mundo.” Esta é a verdade.

É muito difícil você ter algum desejo, algum...

[interrupção]

Existem inúmeros livros que você pode ler e que irão ajudá-lo nesta [inaudível] do autoconhecimento. O primeiro são as *Confissões* de Santo Agostinho. Aquele é o modelo: naquelas confissões, pela primeira vez, e não antes, o homem ocidental adquire a noção da sua responsabilidade por tudo o que se passa dentro da sua alma.

Esta foi uma conquista da civilização e não algo que veio naturalmente. Claro que todo homem tem a capacidade para realizar esta confissão, pelo simples fato de ser homem. Porém, o confronto com a realidade existencial da sua própria vida não é uma idéia que ocorra naturalmente aos seres humanos. Quando Agostinho começa a fazer isso já havia quatro séculos de experiência da confissão cristã. A confissão é um sacramento, mas ela também é uma arte, e também é uma técnica, e esta foi se aprimorando com o tempo.

Eu me lembro, por exemplo, que havia o livro do Adolphe Tanquerey: *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*. Neste livro, ele ensinava a preparação para a confissão. E o que é esta preparação? É o que se chama *exame de consciência.* Esta é uma prática que tem dois mil anos! E o primeiro que fez a confissão não acertou tudo: ele teve que ir aprendendo.

A confissão, claro, tem um lado puramente ritual. É um rito pelo qual o sacerdote, investido do mandato divino para isto, concede a absolvição dos seus pecados. Porém, existe a articulação entre este lado exterior ritual e o lado interior. O sacerdote o absolve dos seus pecados desde que a confissão tenha sido sincera. Entretanto, a confissão sincera é um problema gravíssimo, porque freqüentemente nós não sabemos sequer o que é e o que não é pecado.

Freqüentemente, estamos confusos com relação a nossa vida interior. Além disso, você não pode ir ao confessionário e lá permanecer por dez dias fazendo as "confissões de Santo Agostinho" — isto não é possível! Então, você vai ter de agrupar os seus pecados por gêneros e espécies e mencioná-los ali de forma mais ou menos genérica. Mas, para isso, você precisa saber quais são eles.

Havia no livro do Adolphe Tanquerey a técnica do exame de consciência, que é uma técnica muito simples. Você tem dez mandamentos a cumprir e, então, com relação a cada um desses dez mandamentos, você vai responder a uma série de perguntas para si mesmo: eu fiz "isto"; eu fiz "aquilo"; eu pensei "aquilo outro"; eu tive "tal e qual" intenção. Era algo maravilhoso! O sujeito respondia a cem perguntas e, convenhamos: é impossível fazer isso e não sair sabendo algo sobre si mesmo, mas desde que se faça isso não com um espírito masoquista, porque é quase inevitável que se introduza dentro desta prática aquela hipocrisia de querer parecer um bom menino perante o próprio Deus.

Entenda: você precisa ter em mente que não está lá para ser aprovado por Deus, pois Ele já te desaprovou! Pois existe o *pecado original*, que significa o seguinte: estamos todos ferrados! Ninguém presta! Ninguém, ninguém, ninguém! Tirando Jesus Cristo e Nossa Senhora, ninguém presta. Não adianta você querer agradar a Deus, porque você já desagradou. Ele não está ali para aprová-lo. Ele está ali para quebrar o seu galho. Fazer um discurso de auto-acusação perante Deus também não vai resolver seu problema, porque Ele sabe muito mais do que você sabe. Esta prática é para que você fique sabendo, de si mesmo, algumas coisas que Deus já sabe. É uma prática de abertura e de tomada de consciência. Ela tem de ser feita com certa tranqüilidade e neutralidade. Não é para você ficar batendo no peito: "Eu sei que sou um filho da puta, eu sou isso, eu sou aquilo..." Não é isso! Se fizer assim, você já inverteu tudo. Aquilo deve ser feito com serenidade e até com certa alegria, porque você sabe que, descubra você o que descobrir a respeito de si mesmo, por mais decepcionante que seja...

[interrupção]

Para chegar a dominar com proveito os instrumentos da vida intelectual e os conteúdos todos que você pode adquirir, sobretudo do estudo da própria filosofia, você vai precisar refazer as três etapas da educação: a educação moral, a educação social e, finalmente, o adestramento intelectual e a educação intelectual propriamente dita. Eu chamo de adestramento a aquisição das simples técnicas repetitivas. É tal como, por exemplo, quando você vai aprender uma língua, você decorar os tempos verbais etc. Em cima disso é que vem a educação intelectual propriamente dita.

Você vai ter de refazer estas três etapas. E como é que você as refaz? **[01:30]** A educação moral você refaz a partir da prática da confissão. Todos têm de fazer esta prática. Não é que você tenha de ser católico. Pode ser budista, protestante, judeu, qualquer outra coisa, e mesmo assim vai lhe fazer bem. E, sobretudo: não há outra técnica.

Mas, e a psicanálise, por exemplo? Primeiramente, em psicanálise, ocorre um

fenômeno que é o da análise sem fim. O sujeito começa a análise e aquilo começa a girar em círculo e nunca mais termina. Para que serve esta porcaria? Segundo: a psicanálise não serve como instrumento de autoconhecimento geral, porque ela só está interessada em um único aspecto. Por trás da técnica psicanalítica existe a teoria psicanalítica, que é tremendamente limitativa. Ela acredita que existe dentro de você um monstro chamado *id* e outro monstro chamado *superego*. Você, o pobre *eu*, está ali espremido entre os dois e, então, tampa a porta do *id* porque tem medo do *superego* — assim, as paixões ocultas começam a se transformar em neuroses. Muito bem — isso até acontece, às vezes. Mas eu asseguro a vocês (e mais tarde podemos examinar isto com mais cuidado) que este mecanismo não é universal. Este não é o mecanismo fundamental gerador das neuroses e é algo que só ocorre para certos tipos de pessoa. O Dr. [Juan Alfredo César] Müller dizia o seguinte: existe uma espécie de "simpatia" entre o terapeuta e os seus pacientes. Quase que instintivamente, eles buscam o terapeuta que possui a mesma linguagem que eles. O sujeito está com problemas freudianos e descobre um terapeuta freudiano; está com problemas junguianos e descobre um terapeuta junguiano etc. De certo modo, há um múto auto-engano. Se isso acontece ou não, eu não sei — mas é uma boa idéia!

Não há outra modalidade de autoconhecimento a não ser a técnica da confissão. É claro que você mesmo pode completá-la, mas apenas acrescentando, sem jamais tirar nada! Eu sugiro esse livro do Adolphe Tanquerey: *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, do qual há uma tradução portuguesa antiga. Se não a encontrarem não se preocupem, pois em breve nós a colocaremos em circulação, ou ao menos este trecho, seja sob forma impressa ou como arquivo PDF.

É através da confissão que você vai corrigir as inumeráveis distorções da sua educação primeira. Preste atenção! Isto não está incluído nas perguntas do Tanquerey, mas adaptando à situação brasileira específica, preste atenção ao seguinte: na sutil indução de covardia que houve desde que você era pequeno. Você é induzido, em primeiro lugar, à busca de segurança, à busca de proteção. É incrível! As pessoas estão mais preocupadas com que você se autoproteja, em vez de estar preocupadas com que você vença. Eu, por exemplo, não eduquei meus filhos para que eles se protegessem, mas para que vencessem. Quando eles querem enfrentar um desafio, eu sou o primeiro a incentivá-los. Eu digo: "Vai! Toma cuidado, mas vai!". Eu vejo que, na sociedade brasileira, existe essa indução a uma autoproteção excessiva e à busca de proteção e de aprovação. Preste muita atenção nisso: onde você procurar dentro de você, irá encontrar mecanismos que você possui para cortejar a aprovação ou de um grupo de referência, ou do chefe, ou de alguma outra pessoa.

Outra coisa que você deve sondar dentro de você com muita atenção, e que também é algo que se aplica à sociedade brasileira, é o ódio ao conhecimento. As pessoas têm isso no Brasil. É algo notável! Eu sugiro para vocês a leitura de três livros que são os três grandes romances do Lima Barreto, seus três melhores romances, que são: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

O tema deles é sempre o mesmo: o homem de conhecimento, o homem que busca o conhecimento e como ele se vira na sociedade brasileira.

Isaías Caminha é um sujeito que saiu do interior, um menino talentoso que vai trabalhar num jornal da grande cidade e entra num ambiente de tal corrupção e mesquinharia que ele não agüenta e acaba se dando muito mal. Anos depois de publicar o livro, Lima Barreto publica uma notinha dizendo: “Recebi notícias do nosso conhecido Isaías Caminha. Ele se saiu muito bem na vida, virou deputado...”, dando a entender que tudo aquilo que fizeram o Isaías Caminha sofrer na juventude, tudo aquilo que foi desilusão, ele tinha se adaptado muito bem àquilo, tinha se estragado tão bem quanto os outros e que tinha subido na vida.

O segundo romance, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, vai mostrar o homem de estudos como o reformador social, o sujeito imbuído de idéias utópicas. Policarpo Quaresma é um sujeito ultranacionalista que acha que todo mundo tem de falar tupi-guarani —há muitos tipos como ele nas Forças Armadas. E o Policarpo — com aquelas idéias utópicas — entra em conflito com Floriano Peixoto e acaba se dando muito mal. Evidentemente Policarpo Quaresma é uma caricatura, é um anti-herói. M. J. Gonzaga de Sá, ao contrário, era um velho muito culto, muito sério, que descobriu certa paz vivendo num total isolamento e não deixando ninguém perceber que ele sabia alguma coisa. Gonzaga de Sá só se abria com quem ele percebia que era uma pessoa séria e que também estava em busca de conhecimento. É o sábio que vive dentro da toca.

Isso resume a posição do homem de estudos no Brasil, uma posição absolutamente miserável e, digo para vocês, desconhecida em outros países, pelo menos nos países que nos servem de referência. É claro que pode existir um pouco de tendências anti-intelectuais, anti-conhecimento, por toda a parte, mas elas não são centrais nas sociedades como são no Brasil. Ao mesmo tempo que você tem este horror ao conhecimento e esta espécie de inveja maliciosa e destrutiva das pessoas com um pouco mais de talento há, como compensação, o culto dos símbolos exteriores ao conhecimento como, por exemplo, a escola, o diploma etc.

Tem uma famosa cena no Policarpo Quaresma em que as pessoas vêem pela janela que ele tem um monte de livros, uma biblioteca, e as velhinhas se perguntam por que ele quer tanto livros se ele nem é bacharel. No Brasil é muito grave este hábito de substituir a vida intelectual pelo símbolo burocrático. Em minha juventude eu pensei que a modernização e a industrialização do Brasil iriam acabar com o culto ao bacharelismo. Muito mais tarde percebi que esse culto tinha voltado com uma força incrível, porque esta geração — que ocupou as universidades dentro de um processo chamado de “ocupação dos espaços” — era composta por um bando de medíocres, idiotas **[01:40]** e o que restava a eles era o culto a seus cargos, diplomas e posições, somente isto. Eles começaram a se defender atrás disso com uma fúria ainda maior do que acontecia na época de Lima Barreto. O isolamento em que eles colocam o intelectual sério tem por objetivo destruí-lo. Lima Barreto acaba sendo destruído porque — como um indivíduo não preparado — de tanto ser rejeitado e odiado pela sociedade ele começa a se

odiar e a se destruir. Quando você se autodestrói a sociedade começa a gostar de você, e isso é realmente um mecanismo antropofágico. Todo mundo gosta de Lima Barreto, porque ele foi um fracassado, terminou bêbado, louco. Como, de certo modo, ele se autodestruiu, ele se redimiu da sua capacidade.

Eu me lembro também de João Antônio, um escritor excelente que começou a vida publicando uma série de contos muito interessantes. João Antônio também era pingusso e tendia a ser uma espécie de mendigo. Claro que todos falavam bem dele, ele estava se autodestruindo.

Aluno: O Sílvio falou que a Editora Permanência reeditou o Livro do Tanquerey.

Olavo: Ah! A Editora Permanência reeditou o livro do Adolphe Tanquerey. Foi um livro muito utilizado em seminários e depois se espalhou por todos os sebos do país porque havia sido retirado das bibliotecas de seminários e tudo que era importante na doutrina foi jogado fora. Agora, aos poucos, estão voltando.

Então, o que eles chamam de escritor marginal, escritor maldito, eles gostam porque o sujeito se destruiu, então ele se redimiu. Entretanto, em se tratando de um sujeito bem sucedido na vida — como foi Machado de Assis —, ele será odiado porque venceu a sociedade. Machado de Assis falou as coisas mais horríveis sobre a sociedade e não perdeu o emprego, não ficou louco, não morreu jovem, portanto o pessoal o odeia.

Então esse ponto do ódio ao conhecimento que induz à destruição ou à autodestruição das melhores pessoas é instilado na sua cabeça desde pequeno. Observe na sua confissão, veja isto! Porque o ódio ao conhecimento é o ódio à verdade e o ódio à verdade é o pecado contra o Espírito Santo. Se você for assassino, ladrão, toxicômano, veado, o diabo que você queira, ou qualquer outra coisa, é fichinha perto disso. O ódio contra a verdade é o ódio contra o Espírito Santo e a Bíblia diz: “O ódio contra o Espírito Santo não será perdoado nesta vida nem na outra”. Então se observarmos só deste aspecto vemos que há uma sociedade montada em cima do ódio ao conhecimento — veja que a situação moral do País não é invejável. Quando observamos isto, a corrupção na política e tudo o mais... Como, numa situação destas, podemos querer ter políticos honestos? Se há ódio ao conhecimento, há ódio à verdade.

Some isso àquilo que dizia Hermann Keyserling, um filósofo muito rico, que era conde e passava a vida viajando porque não tinha nada para fazer, então ele escrevia um monte de livros de viagem. No livro *Meditações Sul-Americanas* ele conta sobre sua experiência no Brasil. Conversando com a elite brasileira, ele fez esta observação terrível: “Por todo o lugar que eu viajava eu notava que quando as pessoas imitavam algo, imitavam uma conduta, era porque elas queriam se tornar iguais àquilo; elas tomavam um modelo e queriam se tornar iguais a ele. No Brasil, não, elas se contentam com a imitação enquanto tal; elas não querem ser aquilo, elas só querem parecer.” Quando eu li isso eu tive um arrepio na espinha. Entendi, naquele momento, milhões de coisas que eu via acontecer neste país. As pessoas não acreditam que elas podem ser realmente alguma coisa, elas não acreditam em

realidade, elas só acreditam em encenação. Então, esta situação é associada imediatamente com a *Teoria do Medalhão* do Machado de Assis, na qualele dizia que a aparência era o que importava, o que era verdadeiramente valioso. A verdade era apenas conveniente. Então o pai ensinava que o filho tinha de dizer aquilo que criava uma boa impressão, não aquilo que ele sabia. Ao observarmos o mundo do Machado de Assis, que é a sociedade brasileira do século XlX, do tempo do Império, todos os personagens são farsantes, todos mentem para si mesmos e vivem somente de aparências — aquilo é uma galeria de auto-engano. As pessoas liam seus livros e fingiam que não sabiam que estavam falando delas mesmas. Estava dizendo coisas horríveis com uma linguagem muito educada, muito irônica e muito indireta — por caridade — e as pessoas podiam fazer de conta que ele não estava falando delas. Já Lima Barreto, pelo contrário, era mais pé na cara, e mostrava mesmo que estava falando deles. Só que eu vejo que ele se deixou infectar pelo ódio que a sociedade tinha dele.

Quando eu tinha dezenove anos, Lima Barreto era o meu escritor favorito, e eu logo percebi o que havia acontecido com ele e decidi que eu não teria o mesmo destino. Eu não vou virar toxicômano, nem bêbado, nem veado, nem coisa nenhuma, porque isso é o que os caras querem que eu faça. Eles querem que eu acabe comigo mesmo. Querem saber? Eu vou acabar com eles, não comigo. Viver bem é a melhor vingança! Não vou me autodestruir. Se eu tiver de destruir alguma coisa, serão eles. Tome também esta decisão! Você entrou nisso para vencer! E para isso é importante que você não entre na briga prematuramente. Você tem de se preparar. Entre na briga apenas quando estiver seguro de que o está fazendo por motivo moralmente relevante e não por auto-satisfação. Isto pode levar o tempo que for necessário, mas não saia por aí convencendo ninguém, nem saia por aí fazendo revistinha universitária — não precisa e é inútil fazer isso agora. Se você fizer isso a sociedade vai convertê-los nos mesmos simulacros que já estão por aí. Eu lembro que [inaudível] aqueles alunos que fizeram o jornalzinho “O Indivíduo” — eu não tinha dito para eles fazer jornal nenhum, nunca mandei ninguém fazer isso. Para que eu iria incentivá-los a fazer jornal de estudante?! Pelo amor de Deus, pô! Se eu fosse um partido político, eu iria formar militantes. Militantes a gente atira na briga para que eles se ferrem. Eu não faria isso com meus alunos. Eu quero que meus alunos se preparem, se transformem em intelectuais de peso e, mais tarde, prestem um serviço bom. Mas aqueles estudantes publicaram aquele jornal, arrumaram uma encrenca e então vieram pedir socorro. Mas quem mandou fazer aquela porcaria?! Foram cutucar a onça com vara curta, sem envergadura para enfrentar a PUC do Rio de Janeiro. Eu tenho envergadura! Eu vou lá e calo a boca daquele reitor, ele fica quietinho! O sujeito acabou de entrar numa academia de boxe e vai subir no ringue para lutar com o Mike Tyson?! Mas é louco! Você se omitir e recuar, durante um tempo para a sua formação não é será covardia nenhuma. Você está se preparando para a briga. Você vai entrar, não só quando estiver preparado, mas quando entender que o principal de sua preparação é de ordem moral e consiste em excluir de suas motivações qualquer necessidade afetiva que tenha. Você entrará quando fizer isso como um ato de amor ao próximo sem esperança de recompensa ou somente pela recompensa divina. Eu quero que Deus aprove o que eu estou fazendo! Vocês, o público e, sobretudo, os outros, pouco me interessa.

Eu lembro que quando era moleque fiquei muito doente e tive de tomar injeção de benzetacil diariamente. Tomei benzetacil todos os dias de minha vida e minha bunda dói até hoje. Eu gostava daquilo? Eu adorava o médico e o enfermeiro que vinham dar injeção? Meu pai aplicava injeção e eu ficava grato a ele? Claro que não! Eu odiava tudo aquilo e, no entanto, salvaram minha vida. A função intelectual é essa! Você está fazendo um trabalho de salvação pública! Se a pessoa gosta ou não gosta não é o problema. Você não está lá para agradá-las. Você está fazendo o bem para elas, mas se elas não reconhecerem... É como uma criança que toma injeção e esperneia. Você vai querer saber a opinião dela? O médico vai perguntar: você está gostando meu filho? Claro que não! O médico precisa de minha afeição? Não! Ele só quer me curar, quer que eu fique bom. **[01:50]** Se eu odiá-lo o resto da vida, isto não o afeta. É assim que vocês têm de trabalhar.

Em segundo lugar, além desse problema da educação moral, temos o problema da educação social; quer dizer: qual é a posição social que vocês vão desfrutar? Não pensem que vocês vão encontrar dentro de uma sociedade já estruturada os lugares prontos para vocês ocuparem. Não! Esses lugares não existem, vocês vão ter de abri-los a cotoveladas. José de Ortega y Gasset dizia o seguinte: “Gênio é aquele que inventa a sua própria profissão”. Cada um de vocês vai ter de fazer isso. Ou seja, cada um de vocês vai ter que ocupar um lugar socialmente inexistente. Vocês têm um precedente, que sou eu; eu estou fazendo isso. Se eu fiz, cada um de vocês pode fazer também. Vocês vão ter de descobrir novas fórmulas de atuação, novos meios de subsistência, novos meios de atuação profissional, comercial etc. Cada um de vocês vai ter de pensar uma forma original. E, prestem bem atenção: garanto para vocês que fazer isto é muito mais rentável do que qualquer emprego, sobretudo emprego universitário. Eu não sou nenhum milionário, nenhum sujeito rico, mas eu ganho mais do que qualquer professor universitário no Brasil. Claro que eu também gasto mais. E note bem: eu estou dando aula há mais de vinte anos, e nunca ninguém deixou de fazer meu curso por falta de dinheiro. Nunca! Nunca fui de cobrar muito caro. Foi cobrado caro quando entidades me convidaram para dar aula e elas cobravam o que elas queriam. Mas o meu curso sempre foi uma coisa razoável, e se o sujeito não podia pagar, eu dizia: “Mas nem se desculpe! Tu queres assistir aula, tu sentas aí e fica quieto. Agora, não saia por aí contando para todo mundo que eu deixei você entrar de graça, porque daí eu estou ferrado.”

Com tudo isso, a minha atividade é muito mais recompensadora do que qualquer universidade: ganho mais dinheiro, tenho independência e não tenho chefe. Eu recomendo para vocês isso. Mas, para consegui-lo, leva uma vida. Você tem de planejar a sua vida social, e muitas vezes o plano vai dar errado, você vai ter que ir por tentativa e erro. Por exemplo: como vou ganhar dinheiro, como vou fazer? Ora, hoje existe essa coisa da internet que é uma verdadeira maravilha. Vocês vão pensando desde já em como operacionalizar a sua vida intelectual. Quando vocês começarem a fazer as suas coisas, vai ser como quando eu comecei: ninguém entendia o que é que eu estava fazendo. As pessoas não sabiam nem que nome dar para isso. Às vezes nem mesmo eu sabia. Por exemplo, quando eu comecei a dar o curso *Introdução à vida intelectual*, perguntavam: “Do que é o seu curso?”, e eu respondia: “Eu também não sei”, porque uma das finalidades do curso era tornar as pessoas

capacitadas para seguir aquele curso. Então tinha uma espécie de negócio circular, não havia equivalente. Aqui (nos EUA) tem milhares de equivalentes. Aqui eu diria: "É um curso de *liberal arts.*" Pronto, acabou: todo mundo entendeu o que é o curso. Não era exatamente isso, mas era mais ou menos. No Brasil, se você falar de *liberal arts*, o pessoal não saberá o que é. Depois que comecei a falar disso, no dia seguinte — e vocês sabem como isso tem um efeito multiplicador incrível; a capacidade mimética do brasileiro é uma coisa incrível. Não de ele imitar a sua atitude profunda, mas as palavras que você diz, os símbolos externos; é uma coisa incrível! Aliás, com relação à educação moral, esse é outro ponto que vocês têm de examinar: veja se você não está apenas mimetizando, quer dizer, imitando palavras, imitando gestos para parecer bonitinho.

A imitação é uma coisa importante. A minha tia, que era professora primária, vivia dizendo... Quando eu era moleque, minha família se desgraçou economicamente, e eu fui para casa da minha tia, que estava um pouquinho melhor — há uma história engraçada dessa época: eu conheci um argentino que dizia que lia os jornais brasileiros não para se informar, mas para rir dos nomes das pessoas. Os meus tios se chamavam Aureluce e Oliroval. Eram muito boas pessoas, me tratavam muito bem.

Minha tia, que era professora primária, vivia dizendo: "A imitação é a mãe do aprendizado." Na época eu não entendia o que ela queria dizer, mas hoje eu entendo. Só que a imitação é para o aprendizado! Não é imitação para imitação. Se você se tornar um especialista em imitação, isso faz de você um ator. (É aquele negócio do Charlton Heston: seu filho perguntou o que ele fazia, ele explicou mais ou menos, daí o filho disse: "Ah, entendi! Você finge que é as pessoas".) Daí você está treinando para ser um ator. A imitação é a especialidade do ator, mas para nós ela é um meio de aprendizado. Você vai imitar algo para tornar-se aquilo. Por exemplo, eu mesmo dei um exercício de imitação: vocês têm de imitar estilisticamente os escritores. Se estiver lendo Graciliano Ramos, Camilo Castelo Branco, você vai aprender a escrever igualzinho a esses caras, como se você fosse eles. Só que depois você vai imitar outro, e outro, e outro, e outro. É a imitação como aquisição de uma habilidade, não a imitação como instrumento para adquirir um brilho social. Ao contrário! Se você conseguiu escrever igualzinho ao Graciliano Ramos, sabe o que você faz? Joga fora! Não deixa ninguém ler isso, isso é exercício escolar. Mais tarde você vai aprender a escrever como você mesmo, vai conceber o seu arsenal de recursos estilísticos, de recursos expressivos, e isto de acertar a sua própria voz dá um trabalho maluco. A sua própria voz tem de ser ao mesmo tempo a impressão que você quer dar, e ela tem de ser a expressão real do que você é. Isto aí é um equilíbrio que se alcança muito gradativamente e de maneira muito trabalhosa.

A imitação é como um instrumento de aprendizado. Se você for a uma escola de artes marciais, o que o seu professor vai fazer? Ele vai mostra os gestos e dizer: "Você faz assim, assim...", e você vai imitá-lo. Quer dizer, você vai parecer estar fazendo aquilo, mas de fato você não está; entre você imitar o gesto dele e você ser capaz de fazer a mesma coisa... É uma coisa completamente diferente. Quando você se tornar capaz de fazer o gesto, você não vai se lembrar mais do seu professor; aí não é uma imitação mais: você

estará fazendo de fato.

No Brasil é assim: se o sujeito começa a imitar, ele fala: “Olha como eu estou imitando bem”, e já começa a mostrar aquilo. Cada coisa que eu escrevo, no dia seguinte aparece quinhentos repetindo aquilo, mas macaqueando de uma maneira tão sem vergonha, tão calhorda, tão mesquinha, que dá vontade de bater. Mas eu não vou bater nesses caras. Por quê? Porque eu não os amo suficiente para isso. Porque se eu morresse de amores por um Constantino, por esses palhaços todos que escrevem, eu iria encher eles de porrada, para que eles aprendessem. Como eu não sou pai deles, e não tenho nada a ver com eles, quer saber? Que se dane!

Na parte de educação moral, procurem ver o que há de mimético em vocês; mimético, mal intencionado e querendo fingir aparência, não o mimetismo pedagógico. E, na parte da educação mais intelectual, cultivem mais esse elemento, e o cultivem em tudo o que vocês fazem. Por exemplo, se você está aprendendo a tocar piano, você não vai ouvir os grandes pianistas? Não vai ouvir Wilhelm Kepff? Kuzinsky? — para ver como é que eles tocam uma nota, qual é a velocidade que eles dão, como movem os dedos? Você não vai fazer tudo isso? Claro! Você vai imitar! Mas vai imitar um e dois e três e quatro, e, no fim, você vai ter um conjunto de recursos que vai usar quando for tocar. Na medida em que você cultiva a imitação como meio de aprendizado, você se livra da imitação como neurose. O que vai te livrar do mimetismo neurótico brasileiro é a imitação consciente, usada como instrumento pedagógico. É por isso que eu dou esse exercício: você vai imitar os escritores, e no que quer que faça, imite os melhores. Mas não imite um só, imite um, dois, três, quatro. **[02:00]** Mas um de cada vez. Enquanto você não dominar o instrumento daquele, não passe para o seguinte. Você vai ver no fim que, por exemplo, tem alguns que são facilmente imitáveis. Um dos primeiros que eu imitei foi o Graciliano Ramos. Ele escreve simplezinho, ele é um escritor de poucos recursos, muito pobre, de certa maneira, mas ele sabe lidar tão bem com aquele negócio, que é um dos mais fáceis de a gente imitar. Mais tarde você vai ver: imitar um Camilo Castelo Branco — ah, meu filho! —, imitar Aquilino Ribeiro... você está lascado. Eu não consegui ainda.

Há essas três etapas da educação, e você vai ter de percorrer as três. Com relação à primeira, a prática de educação moral, é a prática do exame de consciência de acordo mais ou menos com as linhas dadas pelo Tanquerey, mas você pode acrescentar outras coisas como, por exemplo, a famosa prática da escola platônica: lembrar, de noite, tudo aquilo que você fez no dia; você pode pegar aqueles exercícios do livro de Narciso Irala, chamado *Controle Cerebral e Emocional*, aquilo tudo é muito bom — e, acrescentando a este exame de consciência, esses tópicos que eu falei: a indução à covardia, ou seja, a carência afetiva induzida; o ódio ao conhecimento, ter inveja destrutiva em relação aos melhores; e o mimetismo neurótico. Preste atenção nisso.

À medida que você for superando essas coisas, você vai ficar diferente das outras pessoas, e elas não vão entender o que está acontecendo, porque elas vão sempre interpretar você à luz do que elas estão acostumadas, e quando isso não der certo, elas vão começar a inventar coisas a seu respeito, para poder adequar àquele fenômeno que está parecendo esquisito. Aquilo as

perturba, elas não entendem, então elas vão preencher com alguma coisa inventada para ter a sensação de que entenderam. Não ligue para isso. Passe batido. Isso aí é um bando de medíocres, um bando de mesquinhos, um bando de coitados, um bando de mosquitinhos. Não ligue! Tenha a consciência de que você está trabalhando para o bem deles, e que, portanto, você não precisa que eles gostem de você.

Ainda com relação a isto, existe um tópico que já diz respeito à matéria filosófica propriamente dita, que é o seguinte: os instrumentos com os quais nós nos olhamos a nós mesmos são as categorias com as quais a sociedade costuma descrever as pessoas. Então, muitas vezes, quando você quer se explicar, quer se compreender, você vai se olhar através desses espelhos que a sociedade coloca à sua disposição, que a cultura ambiente coloca à sua disposição. Fique sabendo que todos os espelhos, todas as categorias à disposição na discussão pública brasileira, seja jornalística, seja universitária, são todas falsas. Elas não servem para nada, são todas deformantes, e são todas demasiadamente pobres. Aqui, na sociedade americana, você também vê isso. Você vê, por exemplo, que todo mundo vai olhar a si mesmo sob o aspecto de duas categorias: a das emoções e a do intelecto.

O intelecto, dizem eles, é aquela função objetiva, voltada para a ciência e para a descrição dos fatos objetivos. E as emoções são aquilo que expressa o que se passa dentro de você. Quer dizer, as emoções são subjetivas e o intelecto é objetivo. Todo mundo se descreve assim! Isso se torna até um reflexo. Daí resultam inadequações como aquela que o falecido Frithjof Schuon dizia: se um sujeito diz tranqüila e friamente que dois mais dois são cinco, e o outro retruca indignado que são quatro, todo mundo vai acreditar no primeiro, porque ele vai falar com a calma e a distância requerida ao intelecto, e o segundo deixou-se tomar pela emoção. Isso é só para dar um exemplo de como essas categorias podem ser totalmente inadequadas. Veja você, por exemplo: não é possível você querer obter uma visão objetiva real das coisas se você não fez um certo recuo. Mas se esse recuo tomar a forma de uma indiferença, ou de uma afetação de indiferença, ou de uma afetação de superioridade, você já deformou a coisa toda. Quer dizer, quando você refreia suas emoções para você obter uma visão objetiva das coisas, a pergunta é: em nome de quê você as refreou? Por exemplo, hoje em dia é muito comum esse distanciamento ser operado de uma maneira sádica, depreciativa. Quer dizer, você quer diminuir tudo, quer rebaixar tudo, então você finge uma distância infinita, como se as pessoas fossem mosquitinhos lá embaixo e você as tivesse observando através microscópio. Isso na França é muito comum. É uma visão desumanizante. Você transforma as pessoas, os seus objetos, em fantoches. Quando você lê o livro de Choderlos de Laclos, *Ligações Perigosas*, é um dos livros mais maldosos que alguém já escreveu, onde os personagens só têm idéias maquiavélicas, só têm idéias ruins o tempo todo; e aquilo é descrito com uma frieza, com uma distância, com aquela cara tipicamente francesa. Então existe esse elemento.

Ora, o fundo disso é uma busca do conhecimento? Não! Busca uma emoção irracional de medo e ódio. As pessoas que olham as coisas assim não querem ser elas mesmas olhadas assim. Então ela está se colocando por trás de uma máscara de frieza e objetividade para não ser atingida. Isso é pura autodefesa.

Onde parece haver uma objetividade fria, existe uma emoção muito baixa e muito primária, emoção infantil, de medo, ódio, e sadismo mental.

Por outro lado, o que são as emoções? Em que consiste você emocionar-se? A emoção é uma repercussão que algum fato, real ou imaginário, tem sobre a totalidade do seu ser psicofísico. A emoção mexe com tudo. Não é possível você dizer onde você tem uma emoção. Mas também não se pode dizer que a emoção é incorpórea. Em termos de mente e corpo não dá para dizer onde está a emoção. Não dá para dizer que ela está só no corpo, só na mente. E se você disser: "Ah! Está nos dois.", não dá para dizer a quantidade de um e de outro. Então é melhor não descrever as emoções nesses termos. O que você sabe é que a emoção é uma repercussão de um fato real ou imaginário sobre a totalidade do seu ser psicofísico. A emoção é uma mensuração, é uma medida da importância que algo tem para você. Essa medida pode ser adequada ou inadequada. Porém, se você faz abstração dessa emoção, você não sabe o peso real que a coisa tem sobre você; e se você não sabe o peso real que a coisa tem sobre você, você não sabe a posição em que você está em relação ao fato, ou seja, você escamoteou a sua própria presença no quadro. Você vai dizer que isso é racional? Não, isso é totalmente irracional. Porque razão significa, sobretudo, proporção. Então uma representação racional da realidade precisa estar equacionada e proporcionada. É claro que as emoções têm de entrar ali como um componente, só que tem de ser emoção educada para que ela reflita [02:10:00] os dados da realidade, e não uma fantasia imaginária. Todo o problema consiste em emocionar-se diante de coisas que aconteceram, e não das que não aconteceram.

Quando a emoção da pessoa é mobilizada, é excitada, sobretudo por aquilo que ela imagina, e não por aquilo que está acontecendo, isso se chama *histeria*. O histérico é aquele cuja vida emocional reflete o seu imaginário, e não a realidade. Quer dizer que se ele imagina que está sofrendo perigo, ele imediatamente fica aterrorizado, embora não haja nenhum perigo presente ou eminente. Se ele imagina que está paralítico, ele não pode mais andar. Agora, se você der dois gritos com ele e ameaçar surrá-lo, ele sai andando imediatamente, porque apareceu um problema maior, um perigo maior do que aquele que ele tinha.

A partir do momento em que se espalhou no mundo o fenômeno da paralaxe cognitiva e da inversão do sujeito e do objeto, a histeria é o traço fundamental das classes falantes. Quer dizer que a totalidade do mundo de valores, de reações etc. é toda determinada pelo imaginário, e não pela realidade. Agora, se você, contra isso, suprimir as emoções e disser: "Não, agora seremos frios, objetivos e científicos", em primeiro lugar: frieza e objetividade científica é uma autodefesa; a autodefesa é criada pelo medo. Se você não tem medo, você não precisa dessa carapaça, você não precisa dessa máscara. Então o elemento emocional é absolutamente fundamental para você saber qual é o peso, a importância real que as coisas têm sobre você. E é só no momento em que você sabe isso que você pode perceber qual é a sua função dentro do quadro, o que é que você está fazendo. E se você não tem isso, você escapou do senso das proporções, e se você escapou do senso das proporções, não há mais nada de racional na coisa.

Portanto, isso quer dizer que essa divisão, que é comum na sociedade americana — em parte também no Brasil, porque o Brasil imita bastante os americanos, mas lá não tem o peso que isso tem aqui — é uma maneira totalmente artificial de ver as coisas. Não existe essa coisa de intelecto de um lado e emoção do outro. Também não quer dizer que os dois não entrem em jogo. Eu estou querendo dizer que o ser humano não pode ser descritível neste par de opostos. A estrutura real do ser humano é muito mais complicada do que isto.

Por exemplo, não é possível estudar a questão da emoção se você a separar da imaginação, porque esta sempre entra na composição daquela, ou para substituir os dados da realidade, criando a sintomatologia histérica, ou para esclarecer os elementos dessa realidade que não estão ainda plenamente manifestos. Por outro lado, a imaginação não poderia funcionar, ela não poderia completar o quadro da realidade, se ela estivesse totalmente livre para imaginar as coisas do jeito que ela quer, ou seja, é preciso haver um estímulo que não é imaginário para que a imaginação possa funcionar. Isso quer dizer que além da imaginação e das emoções, há uma terceira função, que é o que desperta uma coisa e a outra. Isso que desperta tem de ser um dado da realidade. Dirá você que são os dados dos sentidos? Os sentidos, por si mesmos, não podem despertar isso. O fato de que um mesmo dado dos sentidos possa provocar reações imaginárias diferentes nessa pessoa e naquela pessoa e, portanto, reações emocionais diferentes, mostra que os dados dos sentidos por si mesmos são impotentes. É necessário que o ser humano tenha uma espécie de percepção antecipatória que não tem nada a ver com a imaginação, que é como se fosse uma reação imediata, anterior ao trabalho do imaginário, e mais anterior ainda ao trabalho das emoções. É o que os escolásticos chamavam a *estimativa*.

São Tomás de Aquino dava o seguinte exemplo: uma ovelha que jamais viu um lobo. A primeira vez que ela ve um, ela sabe que aquilo não presta. Ela fica com medo do lobo? Não! Ela tem de saber disto para ficar com medo do lobo! A estimativa faz uma ponte entre os dados dos sentidos, a imaginação e as emoções. Essa função da estimativa é hoje totalmente desconhecida, as pessoas não falam mais dela, e daí simplificam dizendo “intelecto” e “emoções”. Eu digo: “Escute aqui: intelecto e emoções compõem um monstro, não um ser humano”. Um bicho composto de intelecto e emoções é como se fosse um computador e um coração. Não dá para você fazer um ser humano com isso, o ser humano é algo muito mais sistêmico, muito mais complexo, e muito mais inteiro que isso aí. Essa coisa de intelecto e emoções, aqui, no ensino de literatura, é altamente enfatizado para escrever redações... “Se você vai para as emoções, você vai para literatura. Se você vai para o intelecto, você vai para a matemática, as ciências...” Tudo isso é imaginário! Tudo isso é absolutamente tosco. Embora a ciência psicológica tenha descoberto muitas coisas nos últimos duzentos anos, do ponto de vista conceitual, ela se empobreceu muito em relação à psicologia escolástica, muito mesmo. Embora hoje eles tenham mais conhecimento dos fatos, a estrutura conceitual dos escolásticos era muito mais fina, onde eles distinguiam as funções, a articulação. Nós vamos usar muito isto.

Então, quando na sua busca de autoconhecimento, você empacar nesse

negócio de intelecto e emoções, você já sabe que é uma coisa que vai ter de superar. Isso é uma estrutura artificiosa que foi posta para circular na cultura por influência anglo-saxônica, muito presente no Brasil sob este aspecto, e que só o levará ao engano. Desta contraposição é que surgirão estes debates públicos entre fé e razão, que é toda uma besteirada sem fim, é coisa de gente muito burra, que não pode saber nem o que é fé e nem o que é razão, porque não tem autoconsciência suficiente para isso. Para saber o que é fé e razão eu tenho de ter observado as duas coisas em mim mesmo, eu tenho de ter tido a experiência dessas duas coisas. E eu sei que na experiência real eu não sei nada nem só por fé, nem só por razão, e também não sei nada pela somatória das duas. Tudo o que eu sei é por mecanismo muito mais complexo do que isso. Então, se eu não posso caber dentro do esquema descritivo que eu estou usando para descrever os outros, eu já estou em plena paralaxe cognitiva. Eu estou me colocando como uma exceção ao restante da humanidade, e isso aí é claro que já falseia, porque você sabe que é apenas um membro da espécie humana, você não é um tipo diferente, não é Deus, não é anjo, você não é capeta, você não é extraterrestre. Se você sabe que pertence à mesma espécie dos outros que está descrevendo e, no entanto, os descreve segundo categorias que não se aplicam a você, você está no mundo da lua. Além do problema da inadequação da linguagem, além da perda da capacidade nominativa, além de sequer saber fazer uma figura de linguagem, ainda tem estes problemas, quer dizer, esta série de espelhos deformantes que são as categorias descritivas e auto-descritivas que esta porcaria da cultura que tem no Brasil **[02:20]** à nossa disposição. Enfim, você tem tudo para enganar-se a si mesmo. Do outro lado, como alternativa a isso, o que você tem? Tem uma ciência pronta que possa opor-se a tudo isso? Não, há apenas uma ciência hipotética a ser conquistada mediante um esforço, talvez, de décadas. Então é claro que precisa de um ato de coragem, e você precisa se dispor a fazer essa travessia, como o selvagem do conto do Hermann Hesse. Você vai ter de fazê-la. Você vai chegar ao mar, claro! Vai haver uma espécie de noite escura, travessia do deserto, alguma coisa assim; isso sempre vai haver. Não se intimide, tenha paciência, e também não se considere o heroizinho porque você está passando por isso. Por isso até eu passei! Não pode haver nada de heróico nisso, isso é uma banalidade, uma besteira.

Muito bem, agora vou responder algumas perguntas e se for preciso eu voltarei a esse assunto que eu estou dizendo aqui.

Aluno: Caro Olavo, gostaria de saber se, para o exercício que foi proposto na aula da semana passada, podemos usar um livro de Aristóteles.

Olavo: É aquele negócio da leitura muito lenta, onde você vai ler dez linhas, um ou dois parágrafos por dia e então vai botar o seu imaginário para funcionar, até que cada uma das idéias abstratas que está ali se transforme em exemplos vivos e concretos que você possa reconhecer como se estivesse sonhando com aquilo.

Não só o livro do Aristóteles serve para isso, mas ele é um autor que somente pode ser lido assim. Não há nenhuma outra maneira de ler Aristóteles, porque todos os seus textos que nos chegaram são resumos de aulas, e isso quer dizer que, na aula, ele dava muitas outras coisas além daquilo que estava escrito

nos livros. Como o esquema da psicologia cognitiva de Aristóteles consiste na descrição da sucessão de transformações dialéticas que o conhecimento passa desde a apreensão pelos sentidos até a abstração; então é claro que ele conhecia todo o trajeto que existe entre a percepção sensorial e a atividade da inteligência; e é claro que ele, como professor, sabia operar essas transições, que são exatamente o que nós estamos falando aqui.

Se você ler Aristóteles sem fazer esse exercício, você jamais saberá de que ele está falando. Saberá apenas a estrutura verbal com a qual ele condensou aquilo. Os textos de Aristóteles exigem essa abordagem, e foi justamente ao tentar lê-lo, há trinta anos atrás, que eu pela primeira vez percebi a necessidade absoluta de fazer isso. Eu falei: “isso aqui não dá pra você ler batido”. Também não adianta você fazer um esforço intelectual, porque você não tem em cima de que fazer este esforço, então você vai ter de preencher isto com o seu imaginário. Por exemplo: quando, na *Metafísica*, Aristóteles começa dizendo: “todos os homens tem por natureza o desejo de conhecer”. Espera aí, deixa eu ver o que é esse desejo de conhecer e se eu realmente tenho isso. E então ele diz: “prova disso é o prazer que nós temos nos nossos sentidos, especialmente no sentido da visão”. Então é claro que eu passei muito tempo tentando observar isso, essa espécie de concupiscência visual que nós temos. Por que o sujeito que está lá vendo sacanagem acha aquilo tão bom? Ele está lá lendo a revista Playboy, ali não tem mulher nenhuma, só tem papel. Como é possível o sujeito ficar tão excitado com uma coisa desta? É o atrativo do visual, Aristóteles está totalmente certo.

Como, por exemplo, quando você vê uma paisagem bonita — o crepúsculo, o amanhecer —, e aquilo forma um quadro e é incrível, você fica extasiado. Note bem: você não está possuindo aquilo, está apenas vendo. Como a mera visão pode nos deixar emocionados? Quando você vê um filme, às vezes sem ter nem o apoio da audição, você está vendo um filme mudo, e você fica grudado, querendo ver mais, mais e mais. Essa experiência é uma experiência repetida. Este ponto de vista — do amor que nós temos pela visão —, de certo modo ilustra mesmo isso que Aristóteles está querendo dizer, porque na visão você não obtém nada do objeto. Se você pegá-lo, você já tem um domínio sobre ele. Se você comê-lo, cheirá-lo, você já tem algo dele. Mas na visão você não pegou nada! A visão, por assim dizer, como ele mesmo diz, é o mais cognitivo dos sentidos, porque é puro conhecimento. E se você pegar o conjunto dos prazeres que você obtém pelos outros sentidos, não é nada perto do que se obtém pela visão, a visão dá muito mais. O resto são breves momentos.

Suponha você uma figura estática, um desenho: você olha aquilo de novo, e olha diversas vezes. Por exemplo, tem as pinturas do famoso Canaletto — sempre gostei muito do Canaletto —, ele pinta aquelas paisagens de Veneza com as figuras humanas pequenininhas, e cada vez que você olha, vê mais um detalhe: tem uma mulher vendendo flores na esquina, tem um sujeito passeando aqui. É gostoso! E, no entanto, você não está desfrutando daquilo diretamente, é apenas uma visão. É incrível. Você vê que através da visão você já passa do que seria um prazer puramente sensorial para uma espécie de prazer intelectual. Na simples visão já tem isto. Esta frase do Aristóteles: “o prazer que nós temos no sentido da visão”, quantas vezes eu não me botei a imagina-la, revive-la; então agora eu sei do que ele está falando, porque eu

também vi. Aristóteles tem de ser lido assim, porque ele não explica nada, ele só anota. É claro que na aula ele dava exemplos, porque ele mesmo diz que o exemplo torna visível aquilo que é abstrato demais. Então, através da sua imaginação você busca os exemplos. Tem de buscar exemplo daquilo, tem de buscar exemplo do contrário e haverá sempre uma certa tensão. O exemplo daquilo vai ilustrar o que o sujeito está falando e o exemplo do contrário vai mostrar os limites do que ele está falando.

A não ser que o sujeito seja Deus e esteja dizendo uma verdade que é absoluta e incondicional em todas as circunstâncias, toda a verdade terá o seu conteúdo positivo e os seus limites. Os limites dão o círculo semântico no qual é válido aquilo que o sujeito está dizendo. E se você não sabe fazer isso, você não sabe ler, porque você não sabe o peso relativo que o próprio autor está dando ao que ele disse. Quando ele diz: “Todos os homens têm o desejo de conhecer, prova disso é o prazer que nós temos no sentido da visão.” Ora, às vezes nós não temos prazer nenhum, você vê uma coisa horrível e fecha os olhos. Há certas pessoas, sobretudo essas senhoras que se dedicam à política — ministras de Estado, deputadas etc. —, quando eu as vejo eu fecho os olhos imediatamente. Eu desde pequeno tenho horror de gente feia, desde pequeno tenho esse problema. Quando era moleque eu inventei uma história, dizia para a minha mãe que eu tinha vindo de outro planeta, que se chamava Jolokalia. Vejam que coisa: *kalia*, em grego, significa bonito, beleza; eu não sei de onde eu tirei isso, eu tinha dois anos de idade! Era um planeta que se chamava Jolokalia onde só havia gente bonita. Eu tenho horror de pessoas feias e tenho até hoje, por isso eu não me olho muito no espelho. **[2:30]** Eu vejo essas pessoas, mas não quero olhá-las por muito tempo, pois aquilo vai me fazer mal, então nem sempre o sentido da visão nos fornece prazeres. É isso o que Aristóteles nos está dizendo {que a visão sempre nos traz prazer}? Não, não é. Existe um limite e Aristóteles está subentendendo esse limite, porque ele não é nenhum idiota.

Eu vou contar um negócio pra vocês: quase todo esse pessoal, esses meninos que escrevem na Internet sobre filosofia e querem discutir, todos eles lêem errado porque eles não sabem isso. Eles pegam uma frase, dão um valor absoluto àquilo e então contestam a frase, porque eles não sabem a medida, não têm o senso da medida do limite da veracidade. Tudo o que você ler sobre realidades de fato se compõe dessas duas coisas, então você tem de imaginar aquilo positivamente e também imaginar o antagônico. Por exemplo, a feiúra, o desprazer da visão. Isso lembra do poema do García Lorca, quando o toureiro amigo dele foi morto na arena, e ele falava: “Sangre derramada, ¡¡Yo no quiero verla!!”, é um exemplo de contrário.

Mas por que há esse horror da visão? Porque é natural que a visão busque o prazeroso e não o desagradável. Na Igreja eles falam muito da concupiscência do olhar: você vê a mulher do vizinho, começa olhar as suas pernas e às vezes não consegue parar. É a concupiscência do olhar, e o que você tem de fazer? Tem de desviar e dizer: “Calma aí, vamos parar com esse negócio, já estou comendo a mulher em pensamento, não posso fazer uma coisa dessas. Se o cara descobre o que eu estou pensando ele vai me bater”. A concupiscência do olhar é um instinto natural humano.

Você acaba enriquecendo a frase do Aristóteles de uma multidão de experiências pessoais, experiências culturais acumuladas, referências literárias etc. É assim que se lê, gente! No dia em que cada frase de um filósofo trouxer para a você toda a herança cultural associada àquilo e todo um conjunto de memórias, você entenderá o que o sujeito escreveu porque você estará lendo os escritos de um homem inteligente — às vezes um homem de gênio —, que tem uma riqueza interior maior que a sua! E dentro dele aquilo evoca muito mais coisas do que para você, de forma muito mais nítida e organizada. Aí sim você estará entendendo o cara. Agora, hoje em dia o que é que se ensina nas universidades? Em vez de ensinar a fazer isso — criar um diálogo humano entre o leitor e um autor — ensinam a considerar o texto como um objeto. Mas essa é a melhor maneira de não entendê-lo! Porque isso não é um objeto, é uma pessoa falando para você, através de um código que, claro, transforma aquilo em um objeto, mas o objeto não é o conteúdo da comunicação, ele é o instrumento limitado que o autor usou e você precisa ampliar os limites daquilo. Quanto mais culto é o autor que você está lendo, maior é o mundo de experiência interior dele, mais rico e mais organizado é o imaginário dele. E se você não tem meios de ampliar o seu, você nunca vai entender de que ele está falando.

Se você faz esse exercício muitas vezes, chega uma hora em que existe a intercomunicação total, você sabe exatamente do que o outro está falando e se reconhece nele daquela maneira imediata, onde, quando você olha uma pessoa com carinho e ela te devolve o olhar com carinho, você percebe aquilo na hora; houve a comunicação: “eu gosto de você e você gosta de mim”. Você está em plena realidade. Ou pode ser o contrário: eu estou olhando o sujeito com desconfiança e ele está mais desconfiado de mim ainda, então também houve [a comunicação].

Esta é a resposta à sua pergunta, Fábio. Não apenas os livros de Aristóteles são bons para esse exercício, como são livros que só podem ser lidos assim. Se você leu batido e está lidando com Aristóteles só no plano das idéias e dos conceitos, você não entendeu nada, porque ele próprio diz... num caso desse, esse método é ainda mais adequado, por ser o único método harmônico com a própria filosofia de Aristóteles, onde todo conhecimento começa pela apreensão dos sentidos. O sentido capta os elementos externos — ou internos —, os conserva na memória, os reproduz na memória sob a forma de um esquema imitativo, e deste esquema fático você tira o esquema eidético, que são os elementos permanentes que podem aparecer em outros exemplos da mesma espécie. Do esquema eidético você tira o conceito. Ele diz que a gente sempre conhece assim.

O que a expressão oral da doutrina filosófica faz? Ela só expressa as combinações dos vários conceitos que estão no fim da cadeia. Cada um desses conceitos se ramifica em um conjunto de experiências sensoriais e imaginativas, e essas experiências se cruzam aqui. Não temos uma lousa aqui, mas daria para fazer assim: você pega uma série pontinhos (os conceitos). De cada um desses conceitos parte uma série de linhas e essas linhas terminarão em uma reta que há embaixo: esta reta é o mundo dos sentidos, o mundo da experiência real e as linhas representam todo o trabalho que a imaginação e a memória fizeram para a transposição desde os sentidos até os conceitos. Na

leitura, você vai fazer exatamente o contrário.

Aristóteles tem de ser lido assim porque ele está dizendo que tem de ser lido assim. Em cada linha que está nos livros dele, ele está dizendo isso: “Trabalhe em cima disto, faça o trabalho reverso da sua imaginação. Vá do conceito até os dados dos sentidos, senão você não vai entender nada.”

Agora me mostre uma faculdade de filosofia no Brasil que ensine a fazer isso. Nenhuma! Mostre-me um professor de filosofia que saiba fazer isso. Não tem nenhum! São todos farsantes! Todos, sem exceção! E não é questão de que eles são esquerdistas, não. Os direitistas, liberais, conservadores são a mesma coisa, são todos verbalistas ocos. Se não fossem era só pegar o número de filósofos que há aí no Brasil, que diz que tem o ensino oficial de filosofia, então tem milhares e milhares de filósofos ensinando filosofia para os moleques... Se toda essa gente soubesse fazer isso nós teríamos uma vida intelectual maravilhosa, nos seríamos uma nova Atenas!

Aluno: O senhor indicaria a obra Diário Íntimo*, de Henri Frédéric Amiel, como exercício de meditação que o senhor passou na última aula?*

Olavo: Sim, de certo modo. Amiel é um caso especial, porque é um sujeito que fracassou em tudo que ele tentou fazer na vida. Tentou ser romancista e fracassou. Tentou ser filósofo e fracassou. Então ele começou a fazer um diário dos seus fracassos interiores, e o diário acabou sendo uma obra-prima, então é o sucesso do fracasso, de alguma maneira. Ele algumas vezes tem uma coisa um pouco maníaca de auto-observação, ele passa do limite, mas mesmo assim eu acho que é útil.

Na obra do Amiel você não precisará fazer esse exercício com a intensidade que precisa para o Aristóteles, porque é uma obra de literatura onde ele já está dando narrativa de experiências interiores e exteriores, então o esforço de imaginação é bem menor. Em um romance, o esforço de imaginação para o leitor é muito pouco, porque praticamente o escritor já está dando a sucessão de imagens visuais, auditivas, musculares etc. da cena. Em um livro de filosofia você precisa fazer tudo. Então na leitura da ficção você vai ter que fazer o contrário, você vai ter que tirar o esquema eidético de lá de dentro, mas trataremos disto mais tarde. O Amiel serve para isso, mas com a ressalva de que o trabalho a fazer ali não é tanto, nem é tão necessário quanto no livro do Aristóteles.

[2:40] *Aluno: Tenho duas perguntas sobre literatura. Primeira: o senhor recomenda a edição brasileira da* Comédia Humana*, de Balzac? Qual das duas é melhor? A dos anos 50 ou a dos anos 90?*

Olavo: Essa edição brasileira da *Comédia Humana* organizada pelo Paulo Rónai é a melhor edição de Balzac que existe no mundo! Não há nada que se compare com isto! Claro que são traduções e às vezes alguém pode ser mais preciosista e querer ler no original. Mas as longas introduções e as notas que tem ali são uma verdadeira maravilha. E depois a Editora Globo foi comprada pelas Organizações Globo, que transformou tudo aquilo lá em uma palhaçada. A Editora Globo era uma editora altamente respeitada, só publicava coisas

boas, edições excelentes, e depois que os Marinho compraram aquilo começou uma imitação. Então eles reeditaram essa série, mas amputada, cortada, diminuída. Se você puder, compra a original.

Aluno: Segunda: o senhor conhece a tradução da Cartuxa de Parma feita pelo José Geraldo Vieira? É boa?

Olavo: Eu não li essa tradução, eu li a *Cartuxa de Parma* no original, que é uma delícia. Mas qualquer coisa que seja feita pelo José Geraldo Vieira é bem feita. Ele é um grande escritor, um homem de uma sensibilidade imensa e eu não acredito que ele não fosse capaz de retransmitir o encanto do Stendhal de maneira perfeita. Pode ler.

Aluno: No seu texto "Consciência e Estranhamento", sobre Descartes e a psicologia da dúvida, o senhor afirma que não apenas sabemos que sabemos, mas sabemos que sabemos que sabemos, caso contrário não poderíamos afirmar que sabemos que sabemos. Pode-se representar isso por uma relação trina. Esta forma uma quarternidade, na expressão do Mário Ferreira dos Santos, como comentado pelo senhor no artigo "Mário Ferreira dos Santos e o Nosso Futuro". Qual seria o nome apropriado desta quarternidade?

Olavo: Note bem, não é somente quarternidade. Em qualquer ato de apreensão você tem a estrutura da série dos números inteira. O Mário Ferreira demonstra que esses números não são somente números no sentido quantitativo, são formas — ou esquemas —, são categorias. E é impossível você pegar uma sem puxar as seguintes, até que você entra em um ponto em que não é mais necessário, porque entrou na repetição. Se você sabe, você sabe que sabe, senão você não poderia refletir sobre isso, mas ao mesmo tempo você sabe que sabe que sabe, e assim por diante. Não é só quarternidade. Você examinando isso aí você vai puxar o sistema inteiro das categorias, e você vai ver que no primeiro ato, que é o saber simples, aquilo tudo já está embutido.

Só que eu digo o seguinte: como nós vamos chegar a entender esta coisa inteira? Se você pegar *A Sabedoria das Leis Eternas*, em que o Mário dá o conjunto dessas formas lógicas e intuitivas que se expressam simbolicamente nos números, primeiro você vai ter de preencher o seu imaginário para você saber o que fazer com isso, porque o Mário está dando a esquematização de todo o trabalho do conhecimento, mas aquilo é só o esquema. Por isso eu não recomendo muito que leiam o Mário Ferreira dos Santos. Isso é o que você vai fazer depois de ler muito Aristóteles, muito Platão, muito São Tomás de Aquino. Aí você lê o Mário.

A obra do Mário é uma seqüência formidável de intuições que esse sujeito teve, sobretudo isso! Eu asseguro para vocês: ele leu toda a filosofia escolástica existente. Tudo! Até os autores escolásticos mínimos, ele sabia tudo isso de trás para adiante. Para ele, São Tomás de Aquino era um negócio transparente. Ele é um filósofo que está sempre raciocinando desde a herança cultural inteira, a herança da história da filosofia inteira, ele nunca raciocina desde a simples experiência direta. É por isso que eu recomendo que o Mário não seja um dos primeiros autores que você vai estudar. Primeiro, pelo fato

dos textos dele estarem nessa mixórdia; segundo, por ser um escritor eminentemente metalingüístico, que está sempre raciocinando sobre o legado inteiro da história da filosofia. A quantidade de referências intelectuais do Mário é um negócio de você cair de costas. Por exemplo, quando ele está escrevendo sobre lógica, ele está levando em conta a lógica de Aristóteles, o desenvolvimento todo que houve na Idade Média, as contribuições da modernidade — o cálculo infinitesimal, Leibniz etc —, e o que veio depois com a lógica matemática. E isso tudo está em uma só frase. Ele é um filósofo para gente que tem muita cultura filosófica, então adquira essa cultura. Não é porque eu acho um cara espetacular que é pra você sair lendo.

O que periga de acontecer é o seguinte: quando ele dá esses resumos esquemáticos de tudo, ele está dando uma fórmula. Na alquimia você tem três elementos: mercúrio, enxofre e sal. O mercúrio é o mundo da mutação, mobilidade, é a confusão e o caos. O enxofre é o elemento fixante que vai dar àquilo uma forma. E o sal é o cristal, a forma final. Se antes de você ter mercúrio suficiente você mete lá o enxofre, você fez fracassar a operação alquímica, o negócio cristalizou cedo demais e imperfeito. O Mário é um elemento organizador, ele é um enxofre, e ele pega o caos inteiro de vinte séculos da filosofia e dá uma forma. Se você começa a ler o Mário Ferreira antes de ter uma quantidade suficiente de mercúrio acumulada, você cristaliza imperfeitamente; se você cristaliza, você começa a ter idéias erradas. Eu não estou proibindo você de ler o Mário Ferreira, apenas não estou recomendando que seja uma leitura inicial. Ele mesmo diz da sua própria filosofia: o que ele chama a *mathesis megiste* é o conjunto crítico e articulado de todas as grandes importantes teses descobertas pela filosofia ao longo de dois mil e quatrocentos anos. É uma metalinguagem da filosofia universal. Se você não tem nenhuma filosofia universal na cabeça, o que é que você vai fazer com a metalinguagem dela?

Eu mesmo, a primeira vez que li o Mário Ferreira, vi que não estava habilitado para ler aquilo. Eu falei: “ele está se referindo a isto, e mais àquilo, mas eu não li isso, então vou lá atrás e vou ver do que ele está falando.” Só fazendo isso eu percebi a grandeza imensa daquele homem. Ele é um príncipe entre os filósofos! É um homem que senta sobre a montanha inteira da filosofia e vê aquilo como um conjunto! Ele é maior que o Brasil! Quando não existir mais Brasil e ninguém mais se lembrar desta palavra, a obra do Mário Ferreira será lembrada e lida com reverência. Ele é um novo Platão! É um homem da estatura do Platão! Eu não estou brincando, não estou exagerando. Só que para entender isso você precisa conhecer a história da filosofia inteira, e assimvocê entende como aquilo que ele está vendo é real.

Agora, sair dando palpite sobre o Mário Ferreira... Teve um sujeito que fez uma introdução ao *Pitágoras e o Tema do Númer*”; você não entende uma palavra do que ele está dizendo. Ele fez uma mixórdia infernal ali. Se você entendeu me explica, não complica! Porque o livro é complicado o suficiente, mas você fez uma introdução que é mais difícil de ler do que o livro. É como a tradução que o ministro Viegas fez da *Nova Ciência da Política* do Voegelin, que para entender você precisa retraduzir mentalmente para o inglês, então você lê em inglês direto. Se não pode judar, não atrapalhe.

Deixe o Mário Ferreira para mais adiante. Nós vamos tratar disso. Vamos ter muito dele no fim do nosso curso. Não faça ejaculação precoce. A formação da inteligência é uma operação alquímica.

[02:50] Eu sei fazer isso, não estou enganando vocês. Se você quer ficar muito inteligente e dominar esse negócio todo, vai por mim, eu sei o que estou fazendo. E você vai sair daqui muito mais inteligente, muito mais forte humanamente, moralmente e psicologicamente falando do que entrou. Você vai sair daqui muito legalzinho, pode acreditar. Se não acontecer isso aí, pega seu dinheiro de volta. Mas pelos depoimentos que eu recebo as pessoas já sentem isso ao fim de cada aula; sentem que ficaram melhores. E é isso o que eu quero, meu Deus do céu! No Brasil, todo sujeito que sabe de alguma coisa, trata de impedir que os outros saibam para ele mostrar como ele é bacana. Não é isso que eu quero, eu quero que daqui saia uma plêiade de gênios como nunca houve. Agora, tem cara que assiste o meu curso por seis meses, ouve umas coisinhas e diz: "Ah, eu já superei o Olavo de Carvalho, ele já fez a sua parte, agora já temos a nossa alternativa". Aí eu digo para ele que quando me superar, eu aviso. Porque daí eu vou querer aprender com ele. E isso não aconteceu, nem de longe. É essa coisa brasileira de querer aparecer.

Aluno: Prezado professor, gostaria saber se o livro do Bernard Lonergan, Insight: A Study of Human Understanding, *poderia ajudar de algum modo nesta primeira parte do curso.*

Olavo: Sim, poderia! Porque ele vai mostrando ali como você entende o que você entende. E é um livro muito meticuloso, ele vai muito devagarzinho. Então, eu acho que este livro pode fortalecê-lo um pouco. Mas note bem: talvez possa. Porque o que eu estou falando não é de você entender cientificamente o processo do conhecimento, é de experimentá-lo existencialmente pelo lado do aporte imaginativo. Então o que interessa é exercitar, e não estudar teoricamente aquilo. Eu sugiro a ter um pouco de paciência. O material deste primeiro ano é muito mais literário do que filosófico, vá devagar para não dar ejaculação precoce, não dar a cristalização prematura da inteligência. As obras de índole teórica são todas alquimicamente correspondentes ao enxofre, todas elas. Elas vão estruturar o caos. Mas nós não temos o caos ainda. Primeiro é preciso ter aquela multidão. Leibniz dizia o seguinte: o sujeito que tivesse visto mais figurinhas, ainda que fossem todas imaginárias, saberia mais coisas. Porque ele tem aquela massa imensa de experiência imaginativa.

É isto que vamos ter de fazer primeiro, temos que enriquecer, enriquecer, enriquecer. Se não fica como aquele negócio da economia socialista de dividir a miséria. Se ficarmos todos bastante ricos, nem precisa dividir nada, porque cada um já tem o que precisa. Aqui nos Estados Unidos é ridículo você pensar nesse negócio socialista, porque aqui o pobre tem casa, tem três carros, mais isso e mais aquilo. Dividir o quê? Você quer tanto dinheiro quanto o Rockfeller? Para que me serviria todo o dinheiro dele? Eu não saberia nem gastar essa porcaria. Estou satisfeito com o que tenho. Tenho lá a minha casa, tenho os carros, está tudo bem. Agora, no socialismo, os caras dividem o que não tem. Onde tem uma casa de dois quartos, colocam-se quinze famílias lá dentro. É o MST. Pega uma fazenda que está produzindo, divide aquilo tudo

para ela parar de produzir, mata todas as vacas, toca fogo na plantação e vai pedir dinheiro para o governo. É uma entidade agrícola que vive de receber dinheiro do governo. Como é que pode? O que eles plantam e produzem? Nada, a produção do MST é ridícula. Então nós não vamos fazer a mesma coisa aqui. Prestem bem atenção: todas as obras de índole propriamente filosófica, obras de natureza conceitual, analítica etc, são o enxofre, são elementos cristalizadores. Não fornecem material, elas o cristalizam.

Até hoje eu agradeço porque meu interesse por filosofia, de fato, foi tardio. Quando fui me interessar por filosofia, eu já tinha muita coisa de literatura, história, artes. Tinha tudo isso. Nada mais deplorável do que o sujeito tentado lidar conceitualmente com um universo cognitivo que ele não tem. É o que acontece com o senhor Vladimir Safatle e outros deste tipo. Deve ter lido um livro de filosofia, leu Lacan com doze anos e ficou assim. Deixa o Bernard Lonergan um pouco para depois. Ele vai te ensinar a meditar sobre a experiência, mas é preciso ter a experiência. Faça o que eu estou dizendo. Por exemplo, a experiência de você imitar escritores, de ler devagarzinho. Por exemplo: Aristóteles pode ser excelente para você ler assim. Além disso, para que você tem de ler um filósofo mais recente, se a filosofia tem uma história? Tudo na filosofia é baseado na história. Tudo o que acontece de bom na filosofia resulta da colaboração entre pessoas de épocas diferentes. A ordem das leituras pode até acompanhar a ordem histórica. Não vai fazer mal nenhum. Se for para ler livros de filosofia dê preferência aos mais antigos: Platão, Aristóteles etc.

Aluno: Caro professor Olavo, o desejo da verdade salvou-me de um destino desgraçado. Lembro de que quando tinha 21 anos de idade, estar intoxicado de marxismo vulgar até o tutano. Pois acreditava que era essa a verdade e, não obstante, minha vaidade imensa buscava a verdade de fato. Contudo, ao me deparar com um texto seu que argumentava em prol das vantagens econômicas e morais do capitalismo não consegui naquele momento aplicar ao arrazoado esquemas mentais que trazia arraigados. Fiquei paralisado, já que o que se demonstrava ali era irrespondível. Só me restava assentir. Após dois ou três minutos de mutismo, atristado, comecei a dizer a mim mesmo: tudo o que aprendi até agora é lixo. Desde então comecei o meu processo de limpeza da alma e conversão. A verdade é de fato libertadora. Minha esperança agora é com o Seminário e a ajuda do Cristo responder à altura da vocação intelectual ou morrer tentando. Obrigado professor.

Olavo: Bom, obrigado digo eu. Essa questão do capitalismo, dentro do universo das minhas preocupações e do que nós vamos ensinar aqui é um detalhe, evidentemente. Para muitas pessoas isto é o centro. Se você pegar todos estes escritores liberais, eles estão interessados em defender a economia capitalista, então isso para eles é o centro das coisas. Para mim isso não é um elemento que seja tão importante assim, filosoficamente falando, porque é uma obviedade. É uma obviedade já demonstrada na teoria e mais que comprovada pela prática. Qualquer insistência no socialismo é estupidez satânica, então a paciência com esses casos é cada vez menor: “Ah, tu és marxista? Então, queres saber? Vá à merda!” Se a pessoa leva isto a sério é porque é um bobo ou porque não tem experiência. E, se não tem experiência, não tem porque discutir com um principiante que tem é que aprender. O

direito que ele tem é de fazer uma pergunta e esperar que eu responda, porque às vezes o sujeito quer fazer uma pergunta e quer a resposta na hora. Mas eu tenho que falar que não dá pra responder tudo, tem de esperar. Ou então é um sujeito de sessenta ou setenta anos que continua apegado aos seus mitos de juventude, por vaidade, por medo ou porque não tem coragem suficiente para enfrentar a complexidade da existência e não tem coragem suficiente para enfrentar a complexidade da existência e para se desligar do seu grupo de referência. Não sabe ficar sozinho um único dia. Fica sozinho e começa a chamar a mamãe. E eu não respeito essas pessoas. É um bando de bocós. **[03:00]** Porque eu estou acostumado com o mundo do meu imaginário, que é constituído de Platão, de Aristóles, de Shakespeare, de Goethe, de Dante Alighieri. É gente desta estatura que eu estou acostumado a ler. Neste nível, estes probleminhas existenciais dos intelectuais brasileiros não existem. Imagine Dante escrevendo aquele poema no qual ele joga até meia dúzia de Papas no inferno. Você imagina se ele estava pensando na opinião que os caras iam ter dele: “Ah, mas o padre não vai gostar!”, isso não passou na cabeça de Dante, nem por um minuto. A hipótese de adquirir algum conforto social com aquele poema jamais lhe passou pela cabeça, e é por isso mesmo que os caras o respeitavam. Se você quer ser amado por pessoas mesquinhas, idiotas e cretinas, então será outro igual a eles. Você tem de querer ser amado e respeitado pelos grandes. No meu tempo, eu conheci pelo menos dois grandes intelectos: o Bruno Tolentino e o falecido Doutor Miguel Reale eram dois gênios, sem sombra de dúvida. Se estes gostavam do que eu estava fazendo, eu lá estou querendo saber dos outros? Vou perguntar a opinião da Marilena Chauí? Ela é boa para escrever livros de cozinha! E não foi nem ela que fez, eu sei que aquelas receitas todas são da mãe dela, que é uma cozinheira excelente. Então, ela escreveu um livro de cozinha. Não venha me amolar. Não tenho tempo para perder com besteira. Eu quero a opinião dos sábios. No meu tempo havia um grande escritor vivo que era Herberto Sales, um mestre da língua. Este eu respeito. No dia em que ele disse: “eu aprecio o seu estilo admirável”, eu falei: “Pronto! Acabou!”. Não quero saber a opinião de mais ninguém: “Você não gosta do que eu escrevi? Vá chupar prego!” O Herberto Sales gostou? Pronto.

Eu lembro uma vez em que o meu filho David saiu de velocípede, a gente morava numa vilinha. Parou um carro ali e saiu buzinando para ele tirar o velocípede, ele ergueu assim olhando com o maior desprezo e disse: “Minha mãe deixou...” — Ora, é minha mãe que manda em mim, não é você. Você que dê a volta!. Então, é a mesma coisa: o Herberto Sales, o Paulo Mercadante, o Miguel Reale e o Bruno Tolentino gostaram. Os outros que vão lamber sabão! Porque eles não têm autoridade para se pronunciar. Eles podem se apegar ao lado burocrático: “Ah! Eu sou professor não sei das quantas...” Ora, o meu currículo é constituído de obras, de coisas que eu fiz, o seu é constituído de cargos que você ocupou. Cargos não são coisas feitas por você, são uma vantagem que você obteve do governo. “Olha, recebi tanto de dinheiro do governo, chupei dinheiro de imposto.” — esse é o seu currículo? O Miguel Reale ocupou alguns cargos, de fato. Mas, qual o currículo do Miguel Reale? Secretário disso, professor daquilo? Não! O currículo dele é a obra dele. Ele é autor da teoria tridimensional do direito. Cala a boca, burro! E esse é um dos dez livros mais importantes de filosofia do direito publicados no século vinte. Se ele não tivesse lecionado em parte alguma, se nunca tivesse saído de casa,

ainda assim ocuparia o mesmo lugar. Então, você tem de cultivar o julgamento e a aprovação dos bons, não dos maus. Dos capazes e não dos incapazes. Preste atenção: você não tem de perguntar o que os outros acham de você. Tem de perguntar o que eu acho de você. Outro dia veio um rapaz que ficou aqui, eu o observei bem durante uns dois meses, no dia em que ele saiu eu falei: “Olha, você é um homem de valor. Você não é um boiola como esses.” O cara falou: “Não quero saber a opinião de mais ninguém.” Respondi: “E está muito certo você!”

Você tem de procurar uma pessoa capacitada e sincera, que vai dizer a verdade e que não vai puxar teu saco. Porque se meu aluno for um boiola e eu disser: “meu filho, tu és um boiola, tem de melhorar” — eu não estou fazendo isso para rebaixar o cara, estou falando isso para ele se corrigir.

Aluno: Isso não é o mesmo que a percepção primeira quando vemos um fato assim como Voegelin ao verificar e querer entender a situação alemã naquele tempo e se perguntou o que é que está acontecendo?

Olavo: Isto! Eu estava falando da emoção!

Claro, você tem o impacto e aquela emoção diz a importância e o valor que o fato tem para você. No caso, é claro que não era um fato imaginário. Ele estava vendo os caras entrando no bairro judeu, dando cacetada na cabeça deles. Estava vendo o que estava acontecendo, ele não inventou nada disso. Então tinha aquela mistura de medo, repugnância, raiva. Tudo aquilo. E foi isso que mostrou para ele a importância daquilo. Agora, tem de ter a certeza que não é uma reação emocional causada por uma invencionice, por uma coisa subjetiva.

Aluno: (...) Logo então ele enxergou primeiro pela sua emoção primordial, sendo essa a sua percepção dos fatos. E, à partir daí, ele criou os mecanismos para estudar aquele acontecimento.

Olavo: Claro. Aquilo teve tal impacto emocional que valia à pena investigar. Era tão esquisito que a reação emocional dele era um complexo de coisas. Ele não conseguia explicar nem mesmo o que ele estava sentindo. Significa que aquilo valeu à pena estudar. Esta emoção inicial vai fazer parte da compreensão que você tem da coisa. Claro que você não pode parar ali, porque a reação na emoção seria xingar os caras e não pensar mais nisso.

Aluno: As aulas do nosso curso estão melhores a cada semana, sou muito grato a você e a equipe do Seminário de Filosofia. Meus interesses de estudo atualmente vão desde a ética de Aristóteles, a sociologia de Weber, a formulação esotérica de Newton, até a antropovisão de Santo Agostinho. (...)

Olavo: Muito bem. É assim que se faz, quer saber um montão de coisas ao mesmo tempo, ótimo. Tem pessoas que se dão melhor estudando um assunto e aprofundando, e têm outras que precisam da amplitude como o Barão Cuvier, que tinha um corredor na casa dele que tinha um laboratório de cada assunto. E ele passava o dia indo de uma sala para a outra.

Aluno: (...) Como é de esperar, tenho vinte e cinco livros abertos sobre a mesa (...)

Olavo: Então você é desse tipo. Eu também sou assim. Só trabalho bem em multi-processamento. Eu tinha um amigo, o Antônio Donato, que era precisamente o contrário: pegava um livro de São Tomás de Aquino e ficava dez anos sobre o mesmo livro.

Aluno: (...) e sete ou oito planos de estudo em aberto, nunca concluídos. Certa vez você disse que a estrutura do conhecimento é circular, e que por isso não devíamos nos punir pela curiosidade que naturalmente vai surgindo com o progresso dos estudos. Fico angustiado com a sensação de não estar avançando. Primeiro pergunto: nos primeiros anos de estudo é necessário e útil ter um foco específico?

Olavo: Não, isto é uma questão de temperamento pessoal. Eu só sugiro que esta sua multiplicidade de focos, de certo modo, se organize em torno de algum núcleo. Você está buscando algo por trás de tudo isso. E este algo vai dar para você a hierarquia do que lhe interessa. Não tema a multiplicidade de interesses, mas o que eu sugiro é: atenha-se aos exercícios que eu estou dando. Você pode ler o que você quiser, mas não prejudique estes exercícios pela leitura. Se eu estou falando que agora é importante que você aprenda a imitar os escritores, por favor, dê mais atenção a isso do que às outras leituras. Pegue o Machado de Assis ou quem você quiser e trate de imitá-los. Faça um monte de exercícios e isto vai lhe fazer muito bem mais tarde. É mais importante isso do que as leituras agora. Essas leituras, pegue pelo menos uma delas e faça pelo jeito que eu sugeri, que é a imaginação completa do negócio. Você vai preencher com a imaginação todos os elementos faltantes. Até você ter aquele estalo, onde você vê que ouve a intercomunicação das consciências. Você vê que a revivescência das experiências análogas te levam a compreender o filósofo como você compreende sua namorada, sua mulher, seu filho, seu amigo. Aí você vai entrando no verdadeiro diálogo, o que Mortimer Adler chamava de “a grande conversação”. **[03:10]** É isso o que você vai fazer, vai entrar nessa conversação e estar com essas pessoas presentes.

Aluno: Em caso positivo, há alguma orientação útil para quem deseja adquirir essa disciplina?

Olavo: Não se preocupe com disciplina. Disciplina é o enxofre, é um elemento cristalizador. Se você mete muita disciplina no começo vai ter ejaculação precoce. É aquela história: Goethe, notando a desordem dos quadros num museu da Itália, disse ao guia: “Isto aqui está fora de ordem”, e este respondeu: “*Queste cose bisogno di un po ‘di confusione*.” (Essas coisas precisam de um pouco de confusão). No começo dos estudos tem de ter um pouco de confusão. O único elemento disciplinar que eu sugiro é: entre você fazer os exercícios que eu estou sugerindo e fazer outras coisas, você privilegie, por favor, os exercícios. Porque senão, não há nem motivos para você fazer este curso. Leia um monte de escritores e tente escrever como eles. Para isso você vai ter que dedicar a cada um alguma atenção específica durante um tempo. Por exemplo, você vai ler a obra de Graciliano Ramos. São dez volumes fininhos, muito fáceis de ler. Se você vai ler Machado de Assis, o

que interessa ali são dez ou doze livros. Todos interessantes, você lê rápido. E faça mesmo os exercícios. Tente fazer uma página que faça as pessoas acharem que foi Machado de Assis que escreveu, ou Graciliano Ramos ou outro fulano.

Aluno: Existe algum indicativo cognitivo de que esta busca pela própria voz, esta autonomia da personalidade está relativamente em curso certo?

Olavo: Tem. Você começa a perceber que não está mentindo quando você fala com Deus. A confissão te mostra isso. A confissão ou a prece te mostrarão isso. Você está falando com Deus sem medo do que ele o mostrará de você mesmo. Porque muitas vezes você está falando alguma coisa, rezando e percebe que está falso o negócio. Você vai perceber que não é você que está falando, que você está imitando o fiel na igreja. Não esqueça o versinho do Antônio Machado: "*Quién habla solo, espera hablar con Dios un 43om*". Você está se preparando para falar com o observador onisciente onde, para cada coisa que você fala, vem um *feedback*. Novos conhecimentos, novas coisas. Ali você vai ter esta idéia. E também a perda do medo, a perda da necessidade de você se defender. Existe na mente humana um perpétuo discurso de acusação e defesa. Onde a acusação é falsa, pelo diabo. E a defesa também é falsa, feita para você mostrar que você está no mundo do mal e seus pecados não são pecados. A acusação é exagerada e estereotipada. Onde você se acusa não de coisas que realmente acha erradas, mas de coisas que acha que os outros achariam errado. Pessoas que você, inclusive, despreza. Você pensa: "O que vai dizer de mim a Dona Fulaninha?", que é uma cretina. E lá está você, botando Dona Fulaninha na presidência do tribunal do júri para te acusar. A acusação é falsa e a defesa também. Então pare de acusar-se e defender-se e 43omece a confessar-se. O dia que parar o discurso interno de acusação e defesa, você verá que está mais ou menos achando. Mas não será uma conquista definitiva, você vai perde-la e reconquista-la muitas vezes. Quer saber outro exercício bom para você saber sua própria voz? Cantar, meu filho. Porque se você cantar com a voz errada, você perde a voz, até você achar o tom. Hoje em dia, no Brasil, a moda é todo mundo cantar fraquinho assim: (imita voz fraquinha ininteligível), a voz deles não pode ser essa. Todo mundo virou o João Gilberto. Ou pior. O João Gilberto já era intolerável. Porque aquilo tudo é falso. Se você vai cantar sempre naquele mesmo tom, independente de qual música, eu digo: "Epa, tá errado!" Cantar também é um bom exercício. Cante para você mesmo, não vá impor isso aos outros. Seja um cantor de banheiro. Tenta achar a impostação certa da sua própria voz. Você tem de testar. Vou dar uma dica para você: o cantor não canta com a garganta, ele canta com a boca. O ar tem de subir sem arranhar. É na boca que você vai fazer o exercício. Na boca você vai produzir a melodia, o tom etc. etc. E é ali que você vai acertar a sua própria voz, experimente cantar como se você fosse um tenor, barítono, baixo, até um soprano. Até você acertar e dizer: "Opa, é aqui!" Pode procurar um professor de canto que vai te dar a mesma coisa. Cantar faz muito bem. Se você reconhecer sua própria voz fisicamente fica mais fácil reconhecê-la psicologicamente, já dizia Aristóteles. É aquele famoso exercício do Alain, filósofo francês, abra a boca como quem vai dizer "a" e tenta pensar o som de "i". Você pode conseguir, mas não vai ser de primeira. Por aí você vê até que ponto o nosso imaginário depende das disposições do nosso corpo. A postura, os gestos, tudo isso abre ou fecha o imaginário.

Aluno: Sobre a amizade: se não houver afinidade intelectual, por exemplo, entre dois amigos, mas existir admiração mútua entre essas duas pessoas. Por mais simples que uma das partes seja, isso não seria amizade verdadeira?

Olavo: Ainda não. Isto não é amizade, é apenas admiração mútua. Admiração por uma pessoa que não tenha afinidade intelectual, mas que tenha algo como, por exemplo, a sinceridade. Isto é uma admiração, uma pessoa que você admira. Mas a verdadeira amizade é seguir um curso paralelo. Um seguindo o outro, servindo de referência. Isto é amizade que dura para o resto da vida. Agora, se a amizade é baseada apenas em simpatia pessoal, a primeira vez que o outro falha você não quer mais saber dele. Por exemplo: eu tenho amizade com o Bruno Tolentino. Mil vezes ele me torrava o saco, me amolava, agia de maneira que eu achava errada, era cheio de manias que eu achava desprezíveis. Mas eu nunca iria largar o Bruno Tolentino, nunca na minha vida, fizesse o que ele fizesse, porque nós estávamos indo para o mesmo lugar. Outra pessoa não, ele é seu amigo enquanto ele te não apronta uma. Se o Bruno aprontasse cento e cinqüenta e uma, ainda assim eu não ia largar, porque é o verdadeiro companheiro de viagem. Está indo para onde você vai.

Aluno: Boa noite professor, como vai?

Olavo: Estou aqui... mais ou menos. Ontem apareceu uma cobra no meu escritório. Esmigalhei a cabeça da bicha e estou até agora maníaco procurando outras cobras.

Aluno: (...) Tenho duas perguntas para o senhor. Primeira: em seu livro, A vida intelectual, Sertillanges recomenda aos estudiosos a elaboração de fichas para aliviar ou evitar a sobrecarga da memória. Constituindo o que ele chamava de memória de papel.

Olavo: Muito bem. Eu não faço ficha de nada, porque eu já tenho os livros todos anotados. Eu sou incapaz de estudar em biblioteca. Só posso estudar na minha biblioteca, porque eu vou lá e a hora que eu quiser rabisco meus livros, sempre a lápis. Pelo amor de Deus, não rabisque a caneta, porque uns anos depois você descobre que rabiscou no lugar errado! Então você rabisca a lápis porque se estiver errado você apaga aquilo e rabisca no lugar certo.

[03:20] Você pensará depois “o importante não era isso, é aquilo” e você apaga e rabisca no lugar certo. E, além disso, eu só sou capaz de estudar fumando, não se pode fumar na biblioteca.

Eu não faço fichas porque eu uso minha própria biblioteca como fichário. Se está tudo marcado ali, por que eu vou copiar tudo aquilo de novo? Na hora de fazer as notas de rodapé, eu baixo aquele monte de livros, faço aquela pilha de livros. Eu acho assim mais fácil. Quem me deu essa idéia foi o falecido Inácio da Silva Telles, cuja obra escrita não reflete seu enorme talento. Ele tinha uma biblioteca enorme, toda cheia de papéizinhos marcando os livros. Ele dizia: “Está aí meu arquivo, para que eu vou fazer fichas?” Eu faço a mesma coisa, mas se você preferir as fichas, use-as. Eu tento fichas quando são para uma coisa específica, quando eu já sei os trechos que eu vou usar e que, assim, fica melhor para colocar em ordem [o material].

Aluno: (...) Quando toma notas, faz registros, o senhor organiza fichas?

Olavo: Em geral, eu não faço isso. Mas, tem uma coisa que o Sertillanges fala que eu levo muito a sério. Ele diz que existem quatro tipos de leitura: (I)a leitura formativa, que é para formar sua inteligência; (II) leitura informativa, que é para você pegar alguns dados; (III) leitura de inspiração, que é aquela para te fazer bem, te animar; (IV) leitura de divertimento ou entretenimento. Essa distinção eu levo a sério estritamente. Se é uma leitura de formação, eu irei ficar com o mesmo livro meses e até anos! Eu retornarei a essa leitura de várias maneiras. É evidente que as notas que eu tomo ali, elas serão necessariamente anárquicas porque elas irão refletir os vários interesses com que eu li aquilo várias vezes. Quando a leitura é informativa, eu leio muito rápido e marco os trechos que eu realmente irei aproveitar; nesse tipo de leitura, leio o livro em um único dia. Vou rapidinho e só para quando vejo que aquele negócio me interessa. Assim, os rabiscos são coerentes, porque se referem a um mesmo ponto que estou procurando ali. Por exemplo, agora estou estudando a mentalidade revolucionária e sei o que estou procurando nesses vários livros. Não estou tão interessado no livro, mas nas informações que ele irá me dar. Às vezes, sobre um assunto que não é o assunto central do livro; ele está vendo a coisa por um lado e eu a quero ver por outro. Essa leitura, então, é muito rápida. Não é que eu leio saltando partes; eu leio tudo, mas leio rápio, sem me preocupar em ler em profundidade. Quando aparece algo que interessa, eu anoto, inclusive a página onde está para achar. É assim que eu trabalho, mas não quer dizer que você tenha de trabalhar da mesma maneira.

Tomar notas, eu sugiro o seguinte: anote tudo o que lhe aparece na cabeça e vá guardando. Um dia tudo isso vai ser útil. Mais tarde você quer escrever um livro e verá que já existem vários tópicos do livro que estarão prontos. Eu sugiro que faça um diário. Eu sempre fiz um diário, não da minha vida — minha vida não interessa para ninguém, há pedaços interessantes, mas isso a gente guarda na memória e depois a gente escreve — mas dos pensamentos que me ocorrem, do que eu entendi de certo livro, da minha reação a certa coisa. Eu sempre anotei isso aí. Como eu escrevo na mídia, às vezes eu aproveito essas coisas para um artigo. Muitos artigos que eu publiquei eu não escrevi na hora. Eram coisas que escrevi há dez anos e emboquei ali. Tomar notas é sempre bom, desde que não seja uma coisa obsessiva e sistemática. Faça enquanto isso estiver sendo gostoso de fazer. Nunca force. Eu lembro o lema de meu professor de arte marcial Michel Weber: “Se doeu, está errado”.

Aluno: Uma vez escutando uma aula de seu filho, ele afirmava que a universidade era somente um curso profissionalizante de nível superior. (...)

Olavo: Passou o tempo que era isso, meu filho! Isso era antigamente, quando era tudo uma maravilha! Era, na melhor das hipóteses, um curso profissionalizante!

Aluno: (...) e não tinha mais nada a ver com que se entendia de educação superior entre os gregos (...)

Olavo: Esse meu filho é um otimista! Entre os gregos, não. No Brasil não tem

nada do que se entende de educação superior aqui nos Estados Unidos, onde a educação está decadente. “Escola profissionalizante”?! Esses caras não sabem amarrar um sapato, meu filho! Leve seu carro a um mecânico no Brasil e você vai ver o que é bom para tosse! O carro sairá muito pior do que entrou! Uma vez eu tive sarna, gente. Mexi num cachorro e ele me passou sarna. Eu passei por sete médicos! Eles não sabiam o que era. Sete!!! Ficaram todos assustados. Daí — eu contei esta história já — eu telefonei para um amigo meu, que era pediatra, e falei: “Recomende-me um médico velho!”. Ele me deu o nome de seu professor, um cara experiente, Domingos Miguel Minervino. Entrei no consultório do Dr. Minervino e ele me disse: “Chega pra lá que você está com sarna!” É um entre milhares! A milha filha, Heloísa “Gugui”, uma vez teve uma dor de cabeça infernal; chorava sem parar; ela chorou durante quatro dias; ninguém dormia; todo mundo com olheiras; ninguém aguentando mais. A gente passou por uma infinidade de médicos! Daí minha ex-namorada Marta passou por lá e teve uma idéia. Ela disse: “Eu conheço uma acupunturista”; isso depois de ter passado por hospitais, os caras deram uma injeção (soporífero) para adormecer um cavalo; deram duas grandes; acabou a injeção e minha filha voltou a chorar. Daí, chegamos na Dr. Dina, acupunturista, ela pegou uma agulha, deu uma agulhada e a menina parou de chorar. Então, ela disse: “Isso é sarampo, irá estourar daqui duas horas”. Você está entendendo o que é o nível de incompetência?! Se fosse aqui nos Estados Unidos, eu botava esses outros vinte médicos na cadeia! O cara não sabe o que é sarampo! Não sabe o que é sarna! Então, como escola profissionalizante? Isso aí é escola de vigarista! Meu filho disse isso porque ele é um homem muito educado, eu conheço ele, o Gugu é um doce de gente, muito educado, otimista, ele não quer assustar vocês. É muito pior do que ele falou!

Aluno: (...) Quando me perguntam o curso que eu gostaria de fazer, respondo “o que me der mais dinheiro” (...)

Olavo: Mas quem disse que eles vão te ensinar a ganhar dinheiro? Você quer aprender a ganhar dinheiro? Vem aqui nos Estados Unidos que tem uns cursos que te ensinam a ganhar dinheiro, que é um negócio incrível! Eles inventam umas fórmulas para você montar um negócio, é fantástico! É aqui (nos EUA), mas você pode fazer daí. Tem o curso daquele japonês que escreveu *Pai Rico, Pai Pobre*, você fica rico! Mas tem de dedicar tempo. Se você quer ficar rico, pois, muito bem, você vai aprender a ficar rico. Isso aí é um domínio interessantíssimo. Tem um monte de coisas que você precisa saber pra isso. Outra coisa, aqui tem um monte de cursos em que, antes de tudo, antes de te ensinar a matéria do curso, eles te ensinam como funciona o mundo dos negócios. Por quê? Porque se você está estudando medicina, engenharia, mecânica de automóveis, engenharia naval, uai, você está procurando um lugar na sociedade, você precisa ganhar um dinheiro, você precisa saber como funciona o mundo dos negócios. Isso todo mundo tem de saber. [Nos cursos superiores do Brasil] Eles não vão te ensinar a ganhar dinheiro coisa nenhuma! Pode ser que tenha um ou dois que te ensine. No Brasil, quem sabe ganhar dinheiro não conta para ninguém! Aqui [nos EUA], as pessoas ensinam mesmo, porque o americano quer ganhar muito dinheiro e quer que você ganhe muito dinheiro, ele quer que todo mundo fique rico! Por quê? O comércio entre ricos é melhor que o comércio entre miseráveis. No Brasil,

não. É uma sociedade baseada na inveja, o sujeito faz daquilo um segredo esotérico e vai te ensinar um monte de mentiras. Cuidado! **[03:30]**

Aluno: (...) Escolho o curso que me dê mais dinheiro, pois, para viver uma vida intelectual, estou no lugar certo, fora da universidade e assistindo essa aula. Só faria um curso universitário para ganhar dinheiro, comprar livros e viajar.

Olavo: Se você quer fazer isto, eu sugiro que você faça algum curso aqui [nos EUA]. Faça pela internet. Aqui tem um monte de cursos muito bons sobre isso! Pode ser que algum deles já esteja funcionando no Brasil, não sei. Saí daí faz mais de quatro anos. Você está com a idéia certa! Mas precisa encontrar também o lugar certo.

Aluno: Na aula passada, você comentou sobre o acumulamento de registros e que isso muitas vezes pode servir de obstáculo ao conhecimento. O grande desafio do conhecimento estaria em desenvolver um mecanismo de despertamento para a realidade que está posta diante de nós desde o princípio.

Olavo: Seja essa verdade registrada nos entes do mundo físico e do nosso mundo interior, seja cravada nos inúmeros registros culturais que nós temos. Isso também exige uma decodificação. O problema com toda a estrutura da universidade moderna, toda ela, inclusive nos lugares onde a coisa funciona, é que o objetivo de tudo isso é produzir mais massa de registros. Você vê que aí no Brasil, por exemplo, as pessoas reclamam que as universidades, por exemplo, a USP, como já foi publicado na Folha, não está produzindo um número suficiente de trabalhos científicos. E para que ela haveria de produzir? Se ela não produzir nada é um favor que nos faz. Por que esse trabalho científico? Os trabalhos brasileiros em filosofia... Você já viu algum trabalho brasileiro de filosofia citado em algum trabalho no exterior? Não. Então aquele trabalho é feito para dar um diploma para o sujeito e para ele contar para a mãe dele que agora ele é bacharel e doutor. Não tem função científica! Função científica há quando o que você está investigando aqui está ajudando outro sujeito que está investigando lá. Se não for para isso, para que fazer um trabalho científico? De um modo geral, a orientação é quantitativa, é você criar um número maior de registros e não aumentar um número maior de pessoas capacitadas a entender os registros. A educação é muito centrada na coletividade científica, acadêmica etc., e não nos indivíduos. A educação tem de visar um por um. Não é obter uma média. Não! É pegar cada um e elevar ao máximo que ele pode! O que é exatamente o que eu estou querendo fazer aqui! Não é uma média. Saiu um inteligente, meio burro. Não, não, não! Nós temos de puxar para cima, não para baixo. É que o pessoal confunde educação com mero adestramento. Adestramento vai ser uma média. Se todo mundo jogar futebol, uns vão jogar bem, outros vão jogar mal, e vão ficar na média. Mas a educação superior não é para a média, é para ser superior! É para todo mundo ser gênio ali!

Aluno: (...) O grande desafio do conhecimento não estaria então em desenvolver um mecanismo para despertamento para a realidade que está posta diante de nós desde o princípio? Isso me pareceu algo de conteúdo muito particular a cada pessoa, extremamente íntimo do ser e, portanto, de

muito difícil acesso.

Olavo: É exatamente isso aí! Você vai ter de puxar isso desde o seu fundo. Desde a sua mais autêntica e genuína realidade. Um homem de mentira não pode conhecer a verdade. Se você não conhece a verdade em você mesmo, você não vai reconhecê-la na realidade externa e muito menos nas pessoas. Quem está radicalmente enganado sobre si mesmo, vai se enganar sobre os outros.

Aluno: (...) Como uma coisa de natureza existencial pode ser encarada como uma missão para nós?

Olavo: É justamente o que eu estou fazendo aqui! E o que eu estou fazendo aqui, eu sei que muitos de vocês que tenham, junto com os seus respectivos interesses intelectuais, tenham também uma vocação pedagógica, vocês também vão fazer para outras pessoas. Vocês vão passar a bola adiante. Eu espero, pelo menos, que o façam. Não todos, porque nem todos gostam de dar aula. Ontem mesmo eu estava escrevendo umas coisas sobre o meu falecido amigo Juan Alfredo Cesar Müller, que é um gênio da psicologia clínica, e não tinha a menor vocação para dar aula. Ele simplesmente não sabia se explicar. Ele sabia fazer, mas não sabia explicar como é que fazia. Tem muita gente que é assim. Então, não espero que todos virem professor, mas alguns. Digamos, uns vinte ou trinta vão ser professores mais tarde e vão passar essa bola adiante. Outros vão produzir trabalhos científicos, vão escrever romances, vão fazer filmes, o que quiser. A sua vocação, você vai ter de descobri-la no caminho.

Aluno: (...) Gostaria que o professor comentasse um pouco mais sobre isso, mesmo sabendo que não é algo novo para muitos, é assunto novíssimo, interessantíssimo para mim.

Olavo: Muito bem. Esse encaixe entre a formação existencial e a formação intelectual, de modo que uma seja prolongamento da outra, essa é a condição necessária para que a vida intelectual tenha algum valor. Isso quer dizer que, se o que você está apresentando nos seus livros ou trabalhos científicos não é a sua verdadeira pessoa, então não é nada, gente! A verdade só vem quando você fala de coração na mão. Na própria ciência é necessário ser plenamente sincero, senão você já começa com treta. O mundo científico é mais cheio de fraude e enganação do que o futebol. Hoje eu prefiro acreditar em um político a acreditar em um cientista, porque o que você vê de fraude, de enganação, é uma coisa assombrosa! Os domínios tidos como superiores da vida intelectual estão mais minados do que nunca. Sem contar que, praticamente todo esse mundo científico de hoje está à mercê dos grupos de pressão, dos patrocinadores, tipo George Soros: ele pode alimentar dez universidades só para provar o que ele quer que prove. Você entra na porta da USP e já tem um cara da Fundação Ford te oferecendo dinheiro para você provar isso ou aquilo. É ou não é assim? Tudo isso está podre! Até onde a humanidade pode viver de mentira? O pessoal que alimenta essas mentiras quer saber a verdade. Ou você acha que esse pessoal do Grupo do Bildeberg, os donos do CFR (Council on Foreign Relations), não a massa do CFR, mas os chefes, você acha que eles querem se iludir a si próprios? Não! Eles tem de saber o que está se passando.

Mas eles pagam os acadêmicos e intelectuais para enganar a massa. Dizem: “No Brasil, eu quero fazer aqui uma pesquisa mostrando que existe um preconceito contra os homossexuais, que estão matando os homossexuais.” Aí chega o Luiz Mott e diz: “Olha aqui, desde 1950, houve 121 assassinatos de homossexuais!” Enquanto isso houve 50 mil assassinatos de outras pessoas durante o ano. E é proibido fazer a comparação. Vamos comparar essas agressões contra homossexuais com o número de estupros que houve nas cadeias. Todo estupro nas cadeias é um estupro homossexual, seja de homem, seja de mulher. Quantos houve? “Ah! Não pode fazer essa comparação, é preconceito!” O sujeito que está interessado em mostrar que os homossexuais são uns santinhos, que eles só sofrem, só apanham e que nunca fazem mal a ninguém, diz “para isso nós te damos o dinheiro.” Quer provar que a polícia é racista? “A polícia prende mais preto do que branco.” Eu digo: “sim, mas na polícia também tem mais preto do que branco”! É proibido confrontar os dados. É nesse mundo que você está. As pressões internacionais sobre o Brasil são um negócio arrasador. O Brasil é um país impotente. Se você disser que o Brasil é uma colônia… colônia foi antigamente, agora é um entreposto. O Brasil não apita nada. Todas as leis que fazem no Brasil vêm prontas do exterior. “Põe essa lei aí, senão não tem mais dinheiro para você!” E você faz a lei e eles não te dão o dinheiro. Todo esse negócio de movimento gay, de feminismo, de perseguir *homeschooling*, tudo isso vem da ONU, minha gente. Tudo isso! O Congresso brasileiro está lá para carimbar e oficializar. É só para isso que existe.

Nós queremos criar uma nova geração de intelectuais que possa entender isso aí e simplesmente dizer não! E se você disser não o que é que vai acontecer? Nada, os caras não vão fazer nada contra você, porque tudo isso é o mundo do blefe. O que fizeram contra mim? Eles falaram mal de mim e eu falei muito mais mal deles. **[03:40]** Ah, me tiraram do emprego? Ou eu arrumo outro ou eu faço coisa melhor que o emprego. Eu não preciso disso. Não há perigo nenhum. Ah, ameaçaram me matar? Sim, mas não mataram. Cada vez que ameaçaram me matar, eu ameacei matar eles. “Eu vou aí matar você!” Eu respondia: “Não, não, eu é que vou aí matar você!” O cara foi tirar a dúvida? Até hoje ninguém foi tirar a dúvida. É o mundo do blefe! Não se impressione com o blefe. Você acreditar em blefe é o que fará de você um covarde, um boiola. Não aceite isso, mas também não saia brigando à toa, porque para você brigar você tem de ter certeza que não está fazendo isso por vaidade. Você está fazendo isso por um objetivo, sério, e aí você vai brigar não para demonstrar suas forças, mas para ganhar. Aí o que importa não é competir: é vencer. “O que importa é competir” é no esporte, porque quando você perde uma partida esportiva, o que é que acontece? Não acontece nada, não tem consequência. Agora, se você perde uma guerra as consequências são devastadoras.

Aluno: Professor, parabéns pelos vídeos sobre a mentalidade revolucionária de junho. Estão excelentes! Observo que na área jurídica a falência da educação brasileira é violenta. Por exemplo, na disciplina Teoria Geral do Estado, nenhum professor fala sobre a luta pela formação de um governo mundial (…)

Olavo: Obrigado. Mas eles estão lá para que a realidade jamais apareça. Essa é a função deles. Você só vai estudar o que não é. É igual o Parmênides: tem

aqui o mundo do “ser” e o mundo do “não ser”. Tire o mundo do “ser” e vamos estudar o do “não ser”. A luta pelo governo mundial é o fator político mais importante na política desde há 50 anos. Se você quer saber o que está acontecendo, você vai estudar e você vai ver como, por exemplo, todas essas leis que são implantadas no Brasil e em outros países do terceiro mundo, vêm todas prontas da ONU e são feitas na seguinte base. Vou mostrar para vocês como é que se faz: primeiro, você cria um movimento terrorista, uma esquerda violenta, que joga bomba, bate nas pessoas etc, e todo mundo fica horrorizado com aquilo. Então vem um partido democrático e diz: “Não, nós não podemos, somos contra o terrorismo” etc etc; e então o partido democrático faz tudo o que a esquerda violenta queria fazer. Quem no Brasil está implantando essas coisas de leis anti-homofóbicas, anti-*homeschooling* etc? É o PSDB! Não é o PT! O PT ameaça fazer, daí todo mundo fica assustado e todo mundo fala: “Vamos votar no PSDB”. Daí você vota no PSDB e ele aplica aquilo que o PT ameaçou. Isso é feito assim no mundo inteiro! A estratégia das tesouras.

A gente sabe que tudo isso é baseado no engodo, na mentira. O pessoal da nova ordem mundial sempre disse: “Nós não podemos contar com as pessoas.” Uma vez houve um jantar do [Grupo] Bildeberg e Nelson Rockfeller agradeceu os representantes da imprensa: “Agradecemos a vocês por terem mantido discrição por quarenta anos! Se não fosse isso, nós não poderíamos realizar o que estamos realizando.” O cara confessaou que é um embrulhão, porra! E quando você vai ver, esconderam mesmo! Nós estamos entrando numa fase, na qual você não pode mais falar em distorções do noticiário. O noticiário inteiro é falso. Grande mídia inteira é falsa. Pode esquecer. New York Times, Washington Post, Le Monde, é só mentira, só falsificação! Tanto que nos Estados Unidos, ninguém mais acredita nisso. O pessoal só quer saber de se informar pela internet. Quando começa isso, o governo diz: “Não, nós precisamos fazer o controle da pedofilia, então nós vamos censurar a internet.” Por que eles estão contra a pedofilia, se ao mesmo tempo estão tentando passar leis para legalizar a pedofilia? Quer enganar a mim, que sou trouxa? Esses movimentos que dizem “nós queremos preservar nossos direitos, porque somos vítimas...”, eles não querem nada disso! Eles querem destruir os outros! Vejam aquele vídeo do pessoal do movimento gay invadindo uma igreja, forçando, fantasiados de freira, homens barbudos fantasiados de freira, uma coisa carnavalesca e forçando o padre a dar-lhes a hóstia! Se eu fosse o padre, eu daria um tapa na cara! E é o que tem de fazer! Existe a lei de ultraje a culto. Se você expulsa uma pessoa de sua igreja, com violência, por ela ter cometido ultraje a culto, você está inocente. Você tem de fazer isso. Eu, quando eu vi, eu não fiquei horrorizado com os caras fazendo isso, porque eu sei que essa gente não presta mesmo. Eu fiquei horrorizado com o padre, que deu a hóstia para o cara. Quem fez o sacrilégio? O outro? Não, o outro já é sacrílego de profissão. Aquele sacrilégio foi o padre que fez. Ele não tem esse direito. É com esse tipo de gente que nós estamos lidando. É tudo falso. Cá entre nós, você acha que no Brasil o homossexual é perseguido? Você acha que no Brasil a homossexualidade é reprimida? Você acha que todo esse pessoal do movimento gay, tadinhos, estão loucos para dar e ninguém está deixando-os dar? O que é isso?! Que palhaçada! Ninguém liga para esse negócio, e eles vêm se auto-vitimizar? No dia da parada gay eles cometem mais delitos do que foi cometido contra eles o ano inteiro! Tudo isso vem

pronto da ONU, minha gente!

Não é a ONU a central do negócio. A ONU é um instrumento institucional que esses grupos globalistas estão se servindo. O movimento globalista são trezentas empresas ou famílias. Nós estamos entrando num regime oligárquico, que produz a transformação social através da estratégia das tesouras, fazendo que a política toda se transforme numa coisa de sair da panela para cair no fogo. Adianta ficar bravo ou se revoltar? Não, temos de entender tudo isso, pois esses caras passaram muitos anos pensando antes de fazer essa porcaria. Quando vocês estiverem mais maduros intelectualmente, este processo vai estar muito avançado, mas, ao mesmo tempo, ele terá perdido muito gás. Porque tudo isso só funciona na base do segredo e da mentira. E isso já começou a vazar. Daqui a dez, vinte anos, será a hora certa para acabar com essa porcaria.

Aluno: (...) Observo que na área jurídica a falência da educação brasileira é violenta. Por exemplo, na disciplina Teoria Geral do Estado, nenhum professor fala sobre a luta pela formação de um governo mundial. Considerando essa situação, é possível para os alunos do Seminário oxigenar as faculdades com novas informações e livros mais condizentes com a realidade?

Olavo: Sim, mas não é o momento de fazê-lo.

Aluno: (...) Tentei fazer isso ao fazer com que nossos professores esquerdóides engolissem a minha monografia de pós-graduação em Direito Público, acerca das crises da soberania nacional e a realidade geopolítica atual. Até agora meus professores esquerdo-petistas e colegas alienados gostaram (...)

Olavo: Às vezes acontece isso. Os caras até gostam. Às vezes tem uma pessoa que está tentando ser honesta, só que vai tentar ser honesta através dos instrumentos de roubo e vigarice dos quais elas foram dotadas pela mesma universidade. Pode acontecer.

Aluno: (...) Contudo, será que posso correr o perigo de prostituir os valiosos conhecimentos do senhor e de Jeffrey Nyquist e ganhar uma boa nota de alguém que não tem condições de avaliar seriamente qualquer aluno?

Olavo: Olha, se o sujeito não tem condições de avaliar, não peça a opinião dele. Nunca se rebaixe para ser julgado por um ignorante. Nunca na sua vida.

Aluno: (...) Afinal, vale mais eu receber um zero do senhor, sem deturpar o meu trabalho, do que receber um dez dos seguidores de Alberto Dines e companhia?

Olavo: Mas sem sombra de dúvida, meu filho. Por que tem de fazer carreira universitária, sendo que o professor universitário ganha uma porcaria, uma mixaria? Vive no meio da pressão de seus colegas, o ambiente de uma fofocagem desgraçada. Invente um negócio para você ganhar dinheiro! Lute pela sua independência financeira! Um dos meios de fazer isso é você, por exemplo, trabalhar para várias companhias ao mesmo tempo, de modo que nenhuma delas se aposse de você. Eu lembro que trinta anos atrás eu fui um

dos primeiros jornalistas brasileiros a ser adepto integral do *free-lancer*. Na época, a classe jornalística inteira era contra o *free-lancer*, porque achava que era uma situação inferior. “Em vez de você ter um bom emprego, você é *free-lancer*.” “Vocês estão malucos?!”, dizia eu. *Free-lancer*, eu trabalho a hora que eu quiser, na hora que quiser, e ninguém tem poder sobre mim. Eu tenho meu próprio negócio, eu escrevo para quem eu quiser, e eu, na época, já ganhava mais como *free-lancer* do que os caras ganhavam em seus respectivos empregos. Saiu até uma entrevista minha no jornal do Sindicato dos Jornalistas em que eu falava: “isso aqui é o grande negócio”.

Hoje em dia todo mundo sonha com *freelance*, mas na época era visto como um horror.

Hoje em dia, com internet, existem milhões de maneiras de você ganhar dinheiro. **[03:50]** Sobretudo, se ouviu o meu conselho, você não precisa estudar dez horas por dia, não precisa e não deve. Você deve estudar moderadamente e no instante em que você está estudando dar tudo de si. Jean Guitton, no livro *Conselhos Sobre a Vida Intelectual*, diz que um dos segredos da educação intelectual é não haver a meia-dedicação. Se você está querendo prestar atenção nos estudos, mas está divagando, sonolento, não permaneça nesse estado intermediário, pare imediatamente e vá fazer outra coisa. Só estude quando estiver com interesse total. Se não tem interesse naquele assunto vá estudar um outro e se não estiver conseguindo se concentrar em nada é melhor que deixe seus estudos para o dia seguinte. Só aproveite os bons momentos. Sua produtividade será de uma ou dias horas, não passará disto.

Aluno: Caro Olavo: Ao participar do seu curso, sinto-me como tendo nascido em uma nova casa, e que, aos poucos, vou absorvendo os valores e acima de tudo os exemplos de uma pessoa que sabe do que está falando. Eu não tinha noção do quanto seria difícil fazer os exercícios que você propõe no curso, especialmente o exercício do necrológio, pois representam fatores que geram tensões permanentes em minha vida. O meu maior receio é de tornar-me um solipsista.

Olavo: O necrológio é mesmo um desafio, é um exercício máximo de autoconhecimento; você vai tentar várias vezes e vai falhar, talvez você tenha que fazer vários necrológios durante a sua vida e daí você vai percebendo o quanto a concepção do seu futuro vai mudando na medida em que o tempo passa. Sobre o medo do solipsismo, eu garanto que não tem o menor problema. Você está cheio de amigos aqui e dois solipsistas conversando acabam com o solipsismo.

Aluno: Você falou muito bem sobre a obra de Miguel Reale e sobre a Teoria Tridimensional do Direito. O exercício de reflexão sugerido poderia ser feito com o livro de Miguel Reale, Teoria Tridimensional do Direito?

Olavo: Sim. Note, porém, que Miguel Reale é um autor do mesmo tipo que Mario Ferreira, no sentido que expliquei acima. Ele não está pegando os assuntos na experiência direta, mas numa tradição de discussões jurídicas. Quer dizer que, para entender bem o que ele está falando, é preciso ter toda retaguarda teórica. Em um dos primeiros livros do Miguel Reale, *Teoria do*

Direito e do Estado, antes ainda de ter chegado a sua Teoria Tridimensional do Direito, já vemos que todo o legado da Teoria do Estado, desenvolvida ao longo dos séculos, está presente ali. Ele está prosseguindo uma conversa que já começou há tempos, o que faz do livro um excelente guia de leituras.

Porém, muitas vezes, para se completar o que ele está falando, não bastaria somente o exercício imaginativo, mas precisaríamos puxar outras tantas referências. Coisa que não acontece com os livros de Aristóteles. Quando Aristóteles estava escrevendo existia pouquíssima bibliografia sobre aqueles assuntos e, mais ainda, o pouco que existe Aristóteles resume. Ressalvado esse ponto, acho que é um bom livro sim.

Aluno: Sou da área jurídica, servidor público e estudante de Direito. Gostaria de saber da importância de Pontes de Miranda para Filosofia. Ademais, gostaria que o Sr. indicasse bons doutrinadores na área jurídica.

Olavo: O que eu li do Pontes de Miranda é ínfimo e não li nada da área filosófica, eu li partes do *Comentários ao Código de Processo Civil* porque me interessava na época. Eu sei que nessa área da jurisprudência ele era um às, sabia tudo, mas se filosoficamente é importante eu não sei. Outra coisa: só esse comentário tinha 56 volumes, então a obra do sujeito é uma monstruosidade. Quando são autores assim, eu gosto de primeiro juntar toda a sua obra e depois vasculha-la. Com o Pontes de Miranda eu ainda não comecei, mas sei que na área jurídica ele é muito importante.

Vou te indicar um livro que dificilmente você o encontrará em português. A publicação original está em italiano, o autor se chama Igino Petrone, *Il Diritto nell Mondo del Spirito*. Esse camarada morreu jovem, mas era um gênio da Teoria do Direito. Outro livro interessante é o do Giorgio del Vecchio: *Uma Exposição Sistemática e Histórica da Filosofia do Direito*. Existe um autor espanhol chamado Legaz y Lacambra que tem uma *Introdução à Ciência do Direito* que é uma maravilha. Estes livros, que eram muito usados no ensino do Direito trinta ou quarenta anos atrás, depois foram se perdendo. Mas, por exemplo, essa *Introdução* de Lacambra eu não trocaria por nada que veio depois. Quando hoje se vê as pessoas levarem a sério o pensamento de John Rawls, que é um homem que tem o pensamento estreitíssimo comparado a amplitude de referência de um Giogio del Vecchio, do próprio Miguel Reale, do Legaz y Lacambra, percebemos que algo se perdeu, as pessoas estão ficando realmente burras.

Aluno: Gostaria de receber a indicação do melhor dicionário latino em português.

Olavo: Eu uso o da Editora Alelo, de Francisco Antônio de Souza, há quarenta anos e nunca me falhou, é muito completo. Sugiro que você também pegue um dicionário etimológico da língua latina, pode te ajudar.

Aluno: Parece-me que agora compreendi o elo, a leitura de obras de ficção nos trará o imaginário necessário que servirá de atalho para leitura e compreensão de obras filosóficas de autores como Aristóteles.

Olavo: Perfeitamente. Enriquecendo e organizando seu imaginário você terá mais meios para fazer os exercícios imaginativos necessários para que você compreenda em profundidade obras como as de Aristóteles e Leibniz, porque você terá o referencial imaginativo, histórico ou humano para se entrar num verdadeiro diálogo com esses grandes espíritos. Você estará imaginando as coisas como eles imaginaram e não somente lendo seus textos. Este é o ideal em filosofia: entrar no diálogo com essas pessoas, que são pessoas de muita experiência, muita vivência e mortalmente sérias. Então, quanto mais se participar das referências que elas tiveram, melhor.

[04:00] *Aluno: Os Sumérios criaram uma civilização sofisticadíssima em matéria de tudo — tecnologia, legislação, mitologia, poesia e música — e o Egito também, porém não observamos o ofício filosófico. Por que a filosofia só aparece na Grécia?*

Olavo: Essa foi uma pergunta que muita gente já se fez. Muitos elementos científicos, simbólicos, mitológicos e artísticos que foram desenvolvidos na Suméria e no Egito, foram depois incorporados pela Filosofia Grega. O que a Filosofia Grega vai trazer de novidade é — o que já foi assinalado por vários autores como Bruno Snell e Eric Voegelin — a idéia da alma humana e do autoconhecimento humano como princípio organizador, quer dizer, não é mais a ordem cósmica que funciona como modelo organizador da sociedade, mas uma alma humana que busca se completar, busca sua própria maturidade, sua própria perfeição e a partir daí ela observa a sociedade.

Vemos, por exemplo, que Sócrates julga a sociedade — ninguém fez isso antes dele — ele julga a sociedade a partir de sua própria experiência, a experiência de buscar a verdade dentro de si. Ele encontra um novo princípio ordenador que não é acessível imediatamente à sociedade como um todo, mas somente ao indivíduo que se entrega a esta tarefa. Quando ele busca saber a verdade sobre si mesmo e sobre cada um dos tópicos que estão em discussão publicamente, Sócrates está se entregando a um exercício que não corresponde a nenhuma função pública existente. Então é a consciência do filósofo que se transforma na nova unidade de medida para se julgar os atos sociais. Claro que não se trata de uma mera opinião individual, mas o exercício de uma busca interior da verdade com persistência e honestidade até o fim. É assim que o filósofo conquista uma espécie de autoridade intelectual — notem bem, apenas intelectual — superior a da sociedade. Apenas intelectual, porque Sócrates não se considera de fato superior à sociedade ao ponto de querer mudá-la. Ele não está fazendo um movimento de mudança social, — Platão, na juventude, quis fazer isso e acabou percebendo que era besteira — mas Sócrates está apenas fornecendo um espelho para a sociedade, tanto é que reconhece a autoridade que a sociedade tem sobre ele quando, ao ser condenado à morte, aceita a sentença. Ele não quer a desordem social, quer apenas elevar o nível de consciência da sociedade. Já hoje em dia, qualquer moleque de 14 anos acha que pode transformar o mundo. Sócrates não queria tanto assim.

Se formos perguntar pelo porque essa condição só aparece na Grécia, eu diria que um dos motivos, que eu considero evidentemente o mais importante, foi o fato de que ali havia muita disputa entre os cargos públicos no sistema

democrático vigente. A ocupação desses cargos públicos dependia da capacidade de persuasão que as pessoas tivessem, então se desenvolve ali, ao longo de muitos séculos, a arte da retórica, que era, evidentemente, a arte do político. Foi quando a multiplicação dos discursos retóricos, todos eles eficientes, criou uma massa crítica suficiente para que as contradições do conjunto aparecessem, entra Sócrates na história. Atenas já tinha uma série de discursos públicos altamente persuasivos, todos eles parecendo verídicos, mas que são contraditórios entre si. De certo modo, essa situação requer outro tipo de atividade que ainda não existia, que é a comparação desses discursos não do ponto de vista de sua eficiência, mas de sua veracidade, o que é exatamente o que Sócrates vai fazer. A intensa atividade política e a existência de uma técnica política — a arte retórica — altamente desenvolvida possibilitou eminentemente o surgimento da Filosofia em Atenas. O que eram os sofistas? Professores de retórica altamente preparados.

Primeiro, a existência de uma camada de pessoas muito cultas, muito preparadas na arte retórica, na arte literária etc. e, segundo, tinha-se um acúmulo suficiente de contradições para despertar o desejo de algo mais. Acho que essa foi a condição principal.

Aluno: Foi depois de atender a quase todas as necessidades da vida e assegurada as coisas que contribuem para o conforto e a recreação que começou-se a buscar o conhecimento.

Olavo: Aristóteles de fato diz isso, mas, note bem, essa coisa tem mais gravidade do que está dado no texto. Podemos pegar essa frase e aplicar o exercício de meditação.

Pode-se interpretar isso no sentido imediato de que é preciso atender algumas necessidades básicas para que se tenha algum lazer, algum tempo livre, mas pode-se entender isso também como uma coisa mais profunda. Por exemplo, se você pega uma comunidade onde a luta pela vida é demasiado intensa, as pessoas vivem sob o terror da fome, o terror da miséria, o terror da morte etc., isso evidentemente não favorece o desenvolvimento de uma atitude mais serena e mais superior, necessária para buscar o conhecimento. Quer dizer que há um certo impedimento que não é causado pela pobreza em si ou pela luta pela vida em si, mas que é causado pelo medo.

Então, não é só atender a necessidade econômica imediata, mas é necessário um certo recuo, por exemplo, perante a natureza. Você pensa que índio adora a natureza, está se sentindo muito bem ali? Pelo contrário, eles estão aterrorizados com aquilo. O estado de terror perante a natureza não permite a atividade filosófica, ou seja, somente depois de você estar protegido dentro de um recinto urbano é que você tem uma certa distância, e é somente essa proteção que possibilita o surgimento do contraste natureza-sociedade.

Tem ainda um terceiro elemento: o indivíduo precisa ter alcançado um certo domínio sobre a situação material e econômica para que desenvolva a confiança na capacidade de organização racional, isso quer dizer que, se em nossa vida estamos sempre a mercê de situações imprevisíveis e não conseguimos a constância de produzir os mesmos resultados pelo mesmo

procedimento racional, não seremos também capazes de obter uma confiança em nossa capacidade racional. Você precisa adquirir essa confiança também.

Tudo isso e muito mais do que isso está subentendido nessa frase de Aristóteles, então nunca compreendam essa frase no sentido apenas vulgar. Porque senão o sujeito vai ler e vai pensar: “Ah, então primeiro eu preciso ganhar dinheiro para depois me dedicar à atividade filosófica.” Se você fizer isso, muito provavelmente você não vai ganhar dinheiro nenhum e muito menos será filósofo. **[04:10]** Isso porque dominar uma situação econômica não significa ter dinheiro, significa dominá-la interiormente, psicologicamente, não permitindo que ela te afete mais. Então, o que importa não é ter o dinheiro, mas a confiança nos próprios meios de ganhar dinheiro. É não ter mais medo da miséria, não ter mais medo da pobreza. Para chegar a isso é preciso que você atravesse, pelo menos imaginativamente, pelas duas situações: ser muito pobre para só depois ser rico. Eu, há muito tempo, já perdi o medo disso porque eu sei como é que se faz, eu sei me virar na sociedade. Eu só vou ganhar o dinheiro suficiente para me manter, e que não me tomem todo o tempo, evidentemente.

Lembro um vez que eu perdi o emprego no Rio de Janeiro e fiquei na miséria total, ferrou tudo. Eu fiz o seguinte: peguei mulher e filho, mandei-os para casa de meu cunhado e pedi que me dessem seis meses para levantar a situação e trazê-los de volta. Não levei seis, mas três meses apenas, porque eu não tenho mais medo. Se você for esperar para ficar rico primeiro para perder o medo, pode demorar mais tempo e você pode ficar com mais medo ainda.

Portanto, o que interessa é o fator subjetivo e não a quantidade de dinheiro que você tem. O que precisamos adquirir é uma compreensão da sociedade humana e uma compreensão pessoal suficiente para acalmar nossos terrores econômicos, porque o terror econômico impede o indivíduo de raciocinar, mas acontece que pode-se ter terror econômico sendo um milionário: esses sujeitos que quando a bolsa entra em queda eles se matam. Eu digo: “Mas você não sabe fazer dinheiro? Não criou um império? Se caiu tudo, comece de novo, você não sabe fazer?” O que ocorre é que ele fez, mas não adquiriu a confiança de que sabe fazer. Então ele pensa: “Estou muito velho, não consigo mais.” Não é a quantidade objetiva de dinheiro que temos que importa, mas o domínio da situação. Se soubermos controlar a situação, conseguiremos nos acalmar. Se aparecer alguém que queira ajuda-lo pode ser bom, mas também pode ser ruim. Se aparece alguém que diz que você é um cara de talento querendo ajuda-lo com seus estudos, se você já tiver auto-confiança de que é capaz de fazer as coisas sem que isso te estrague, você pode aceitar. Mas e se não tiver essa auto-confiança? Aquela ajuda o enfraquecerá. O importante é a coisa interior, não o domínio material da coisa.

Eu pensei muito sobre essa frase de Aristóteles. Quando você faz esta leitura lenta que eu recomendei, acaba-se vendo as profundidades de sabedoria e de experiência que existe nisto aí. Você realmente entra no diálogo com o autor.

Vamos parar por aqui. Até a semana que vem. Obrigado.

Transcrição realizada por: : Jussara Reis, Felipe Augusto Cury, Luiz Alberto, Flávio Montenegro, Maria Cristina Albe Olivato, Luiz Felipe Adurens Cordeiro, Maurício Doval, Mauro Ventura, Paulo Camargo, Tiago Lemos

Revisão realizada por: Marcelo Hamnickel, Maurício Doval